



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO:

PRODUÇÃO VERSUS REPRODUÇÃO

Clara Maria Gouveia Fonseca

Orientação: Professor Doutor Luís Sérgio Pinto Guerra

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Área de especialização: *Ramo de Investigação*

Dissertação

Évora, 2013

AGRADECIMENTOS

Para além de ser o resultado de muitas horas de estudo, reflexão e trabalho investidas ao longo das várias etapas que a constituem, a presente dissertação é igualmente o culminar de um objectivo académico a que há muito me propus e que não seria possível sem a ajuda de um número considerável de pessoas.

Estou especialmente grata ao Doutor Luís Guerra pelo conhecimento e sugestões transmitidas durante a elaboração da dissertação. Pela sua correcção, paciência e compreensão perante as dificuldades e a minha falta de tempo que o trabalho me rouba. A sua orientação e apoio foram cruciais na superação dos obstáculos, assim como para a minha motivação.

À Doutora Ana Birrento o meu muito obrigada pela ajuda crucial na elaboração do meu percurso e pelo incentivo à sua conclusão.

Tenho a certeza que os meus pais, que infelizmente me deixaram há pouco, onde quer que estejam, estarão felizes. A eles dedico também este trabalho.

Por todo o apoio nos momentos mais difíceis em que a hesitação nos faz vacilar face às dificuldades, à minha Amiga Ana o meu muito obrigada.

Não posso também deixar de agradecer às pessoas que, no meu trabalho, me ajudaram para que pudesse frequentar o seminário e fazer o Mestrado, para a Dra. Cláudia Martins e a Engenheira Lídia Carrilho o mais mais profundo agradecimento pela compreensão e apoio. Sem a sua ajuda tudo teria sido mais difícil.

ABSTRACT

The Authenticity in Translation – Production versus Reproduction

The present study aims at presenting the resources at semantic, syntactic and lexical level of the target language that enable the production of a translation with authenticity. This dissertation is motivated by one research question: how can we reach an authentic translation?

We start by presenting different studies on that matter that have helped us to identify our main hypothesis of study Next; we will present a discussion on the authenticity in translation, after which we will present our case study and its analysis, and finally, the conclusions.

This empirical analysis will confirm the way to get to the authenticity of a translation

Keywords: authenticity, production, reproduction

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar os recursos a nível semântico, sintático e lexical da língua de chegada que possibilitem a produção de uma tradução com autenticidade. Esta dissertação é motivada por uma questão de estudo: como podemos chegar a uma tradução autêntica?

Começamos por apresentar diferentes estudos sobre esse assunto e que nos ajudaram a identificar a nossa principal hipótese de estudo. Em seguida, apresentaremos uma discussão sobre a autenticidade em tradução, após o que apresentaremos o nosso estudo de caso e, por último, as conclusões sobre o mesmo.

Esta análise empírica confirmará o caminho para chegar à autenticidade de uma tradução.

Palavras-chave: autenticidade; produção; reprodução

Índice

ABSTRACT.....	i
RESUMO	ii
INTRODUÇÃO	vi
CAPÍTULO I - TEORIAS DA TRADUÇÃO	9
1.1 QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA TRADUÇÃO NA ATUALIDADE	10
1.2 CONCEÇÕES DA TRADUÇÃO AO LONGO DO TEMPO	11
1.2.1 O PRIMEIRO PERÍODO: TEORIAS UNIVERSALISTAS.....	12
1.2.1.1 O PERÍODO CLÁSSICO E AS TEORIAS UNIVERSALISTAS.....	14
1.2.2 O SEGUNDO PERÍODO.....	17
1.2.2.1 A TEORIA RELATIVISTA (VISÃO HERMENÊUTICA).....	17
1.2.3 O TERCEIRO PERÍODO	18
1.2.3.1 A ABORDAGEM ESTRUTURALISTA	18
1.2.3.2 A ABORDAGEM NEO-HERMENÊUTICA	18
1.2.3.3 A ABORDAGEM SISTEMÁTICA.....	18
1.2.3.4 A ABORDAGEM “TRANSFER”	19
1.3 SÉCULO XX.....	21
CAPÍTULO II - A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO.....	25
2.1 O QUE É E COMO SE CHEGA À AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO.....	26
2.2 A CRÍTICA DA TRADUÇÃO	29
2.3 A CORRESPONDÊNCIA E A AUTENTICIDADE	34
2.3.1 DIFERENTES GÊNEROS DE TRADUÇÕES E A AUTENTICIDADE	34
2.3.2 MARCAS DE AUTENTICIDADE	35
2.4. A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO COMO PERMUTA E CRIAÇÃO DE SIGNIFICADOS.....	37

2.5 A TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS	39
2.5.1 A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO LITERÁRIA	39
2.5.2 O TRADUTOR LITERÁRIO – O SIGNIFICADO E A CULTURA.....	40
2.6 O ESTUDO.....	42
CAPÍTULO III - A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO LITERÁRIA: UM ESTUDO DE CASO	44
3.1 O AUTOR	45
3.1.1 OS PRIMEIROS ANOS.....	45
3.1.1.2 O JORNALISMO E OS PRIMEIROS ROMANCES	47
3.2 A FAMA.....	47
3.2.1 A PRIMEIRA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS	48
3.4 A MEIA-IDADE	48
3.5 OS ÚLTIMOS ANOS	49
3.5.1 A SEGUNDA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS.....	49
3.5.2 AS LEITURAS DE DESPEDIDA	50
3.5.3 A MORTE	50
3.6 A OBRA EM ANÁLISE	51
3.7. ANÁLISE CONTRASTIVA DO CAPÍTULO I	55
3.7.1. FRAGMENTO 1	55
3.7.2. FRAGMENTO 2	59
3.7.3. FRAGMENTO 3.....	61
3.7.4. FRAGMENTO 4	63
3.7.5. FRAGMENTO 5	66
3.7.6. FRAGMENTO 6	68
3.7.7. FRAGMENTO 7	70
3.7.8. FRAGMENTO 8	73
3.7.9. FRAGMENTO 9	76
3.7.10. FRAGMENTO 10.....	79

3.7.11. FRAGMENTO 11	82
3.7.12. FRAGMENTO 12.....	85
3.7.13. FRAGMENTO 13.....	87
3.7.14. FRAGMENTO 14.....	89
3.7.15. FRAGMENTO 15.....	91
CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

A motivação que está subjacente à execução desta Dissertação prende-se com o facto de, como tradutores, nomeadamente de livros de carácter diverso desde a Sociologia, à Economia, Psicologia, Antropologia, Medicina, Zoologia, entre outros, e também como Licenciados em Tradução, com especialização em Tradução Literária e Jornalística, sempre termos sido interrogados de qual seria a forma mais genuína de criar o texto da língua-alvo, uma vez que essa mesma autenticidade seria, certamente, a forma mais correta de chegar ao leitor e também de a tradução ser considerada adequada pelos editores.

Ao longo da atividade como tradutores, e também enquanto estudantes de tradução no Ensino Superior, sentimos sempre a necessidade (não só pessoal, mas também por nos ter sido inculcada pelos professores) da procura da forma o mais autêntica possível de traduzir. Procurámos, muitas vezes, a troca de informação com colegas, antigos professores, em pesquisa, com leituras constantes e consulta de material especializado, encontrar os recursos e a forma mais correta de os aplicar na Tradução de forma a levar à fidelização gramatical como um todo e, particularmente, a nível semântico, sintático e lexical da língua de chegada.

Grosso modo, tentámos sempre que, na leitura dos enunciados da língua de chegada, o nosso trabalho ficasse ausente, isto é, que não fosse notória a presença de uma tradução.

O objetivo desta dissertação é o reconhecimento e classificação dos recursos que asseguram a autenticidade da tradução, em termos gramaticais - especificamente no que diz respeito aos aspetos semântico, sintático e lexical. As questões culturais não serão aqui abordadas, uma vez que não é esse o nosso objetivo de estudo.

Em termos metodológicos, e para demonstrar como se poderá chegar a uma tradução que seja autêntica para quem lê, uma vez que ainda não foi feita uma análise cuidada do conceito de “autenticidade”, será levada a cabo uma análise empírica, com recurso a um estudo de caso – o qual utilizará como amostra um

corpus paralelo constituído por exemplos do livro *The Pickwick Papers* (2003) de Charles Dickens e a respetiva edição portuguesa em *Os Cadernos de Pickwick* (2012), mais concretamente o primeiro capítulo. Subjacente a este estudo estará a utilização da Linguística Aplicada, uma vez que esta faz uso de uma abordagem empírica, contrária à abordagem conceptual, do ponto de vista linguístico.

De referir ainda que o estudo empírico será feito através de análise, sob a forma de exemplos do texto de partida e de chegada, por meio de tabelas, dos recursos que promovem a autenticidade (tendo subjacente os parâmetros de análise definidos anteriormente). Será, igualmente, feita uma outra tabela, a partir das anteriores, onde serão quantificadas e enumeradas o tipo de alterações (de forma mais concreta para cada parâmetro definido) que foram feitas e que conduziram à autenticidade.

Assim, e a partir de vários autores cruciais para esta problemática, tentar-se-á demonstrar e tornar este estudo uma referência para questões desta natureza noutros contextos de natureza idêntica.

Poder-se-á dizer que esta abordagem pretende ser um pouco diferenciada das abordagens tradicionais para um estudo deste género, as quais incidem maioritariamente na correção, em termos de aspetos formais, de uma tradução. Tem igualmente, como objetivo último, contribuir para que outros tradutores possam, através dela, ficar mais sensibilizados para os recursos linguísticos que podem ser utilizados e a necessidade da sua presença para o que entendemos aqui como uma tradução de qualidade.

Assim, e com este objetivo, o primeiro capítulo, fará uma breve revisão dos estudos feitos sobre esta temática e temáticas concomitantes, num segundo capítulo falaremos da abordagem conceptual (sob a forma de discussão) subjacente à temática aqui abordada com destaque para as especificidades da autenticidade em tradução literária e num terceiro capítulo apresentaremos a metodologia, o estudo de caso propriamente dito e a respetiva análise e, por último, no quarto capítulo, apresentaremos as conclusões.

Assim, de seguida, iremos proceder à revisão da literatura (enquadramento teórico), sob uma forma crítica e situando-nos na mesma, do que tem sido estudado sobre esta temática.

CAPÍTULO I - TEORIAS DA TRADUÇÃO

1.1 QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA TRADUÇÃO NA ATUALIDADE

A tradução literal versus tradução semântica e a “invisibilidade do tradutor” são as questões aqui trabalhadas. A tradução é cada vez mais uma actividade que nos remete para muitas questões. Muitos são os autores que sobre ela têm refletido, no sentido de encontrar respostas para aquilo que deve ser uma tradução. Ao longo do tempo nem sempre esta noção provocou ideias convergentes, vejamos como um autor antigo e um moderno defendem os seus pontos de vista.

Um dos dilemas que, na actualidade, são mais discutidos e que foi alvo de reflexão por parte de Voltaire (1737), sendo defendido por este, foi se a tradução deve ser literal ou semântica. Voltaire afirma ainda que o respeitar da forma pode significar arruinar a fidelidade ao significado. Voltaire defende, assim, que a tradução tenha em consideração, principalmente, a questão semântica do texto e não aquela que defende apenas o literal.

Hoje em dia, muitos especialistas debatem a questão do rumo que deve nortear uma tradução, ou seja, se a mesma deve parecer estrangeirização ou se deve parecer domesticação. Nos últimos anos a tradução acaba por ser encarada como uma forma de ir para além do texto de partida, algo em que a intervenção do tradutor é uma inevitabilidade. Venuti (1995) defende a “visibilidade” do tradutor sugerindo a existência de ingerências óbvias na tradução, pois parte da ideia de que o tradutor deixa forçosamente a sua marca em qualquer tradução. Os conceitos “estrangeirização” e “domesticação” são empregues por Venuti para estabelecer a contraposição entre duas maneiras de tradução específicas: a tradução que realça as diferenças linguísticas e culturais do texto de partida, tornando o leitor próximo dos fatores que provocam estranheza (“estrangeirização”); a tradução que antagonicamente limita o texto de partida aos valores culturais da língua de chegada por um processo de integração, tornando o leitor próximo do seu próprio contexto (“domesticação”). Venuti advoga uma tradução com sinais do tradutor, uma tradução que seja constatada como tal. O tradutor é quem concebe o elemento do estranho ao derrubar os códigos culturais da língua de chegada, tornando notável a tradução, o noutro e a si mesmo como tradutor.

1.2 CONCEÇÕES DA TRADUÇÃO AO LONGO DO TEMPO

Os tradutores foram desde sempre alvo de críticas e muito pouco elogiados. As notas de rodapé sobre as escolhas feitas são sintomáticas naquilo a que Mounin (1992) apelida de *tradicionite*, doença que considera o medo irracional de não comunicar a autenticidade de palavras estrangeiras. Este é de facto um tema recorrente na tradução, pois, muitos tradutores, e sobretudo os mais inexperientes, sofrem deste mal, e ao não se afastarem muito do enunciado que estão a traduzir não conseguem muitas vezes criar um texto cuja fluência linguística o torne algo autêntico, mas tão-somente uma mera reprodução cheia de artifícios.

Os autores que advogam a inviabilidade da tradução insistem na fundamentação de que a tradução não pode ser o original. Situa-se aqui muito da proposta deste estudo, uma vez que a concepção de que a tradução é o original, fá-la tornar-se híbrida e descaracterizada. Mounin afirma que o tradutor não pensa, fala pelos outros e deixa-os pensar por ele. Havia até mesmo argumentos históricos que iam contra a tradução com base na seguinte ideia: as línguas e literaturas estrangeiras ocupam grande parte do espírito nacional, tornando limitada a produção original na língua mãe. No entanto, e nesta linha de raciocínio, os argumentos nacionalistas foram delimitados temporalmente e totalmente postos de lado.

Estes fundamentos, que frequentemente conduzem ao evitamento de áreas de tradução para além das ligadas às questões linguísticas, demonstram a preocupação com a interpretação ou simplesmente com a identificação dos recursos que fazem parte do texto fonte. O tradutor receia que os elementos traduzidos não se adaptem perfeitamente à sociedade parte integrante do texto original e de não serem, assim, entendidos pelos leitores de outros meios porque, mais do que palavras, é necessário conhecer o *modus vivendi* em que surgiram. As traduções são sempre consideradas como maus substitutos e não conseguem manter todas as variantes do texto original. Os fundamentos de duBellay, citado por Mounin (1994), estão relacionados com as divergências linguísticas presentes em cada idioma. Apresentam-se frequentemente como antagonismos ao nível do significado, assim como, no que diz respeito aos aspectos fonéticos e de estilo

que, naturalmente, se perdem nas traduções, uma vez que as marcas de uma frase, o seu ritmo, as suas figuras de estilo e outros recursos diferenciadores, isto é, a forma única, própria do autor dão lugar a outros elementos que se encontram na língua de destino.

Os estudiosos conceptualizam a história da tradução em três períodos que correspondem a diferentes formas de a racionalizar:

O primeiro período focaliza-se nas teorias universalistas (do tempo de Cícero até ao final do século XVIII): o período relativista (do século XVIII até ao começo do século XX), e por último, o terceiro período que recupera as traduções do período pós-guerra correspondente à fase do estruturalismo, neo-hermenêutica e finalmente à aproximação sistemática e a abordagem “transfer”.

1.2.1 O PRIMEIRO PERÍODO: TEORIAS UNIVERSALISTAS

A conceptualização universalista de Saussure (1978) baseia-se numa visão generalista da língua. A realidade é sempre vista como algo universal, imutável em qualquer parte, embora todas as línguas reproduzam o universo de uma forma distinta. Coisas e palavras são dois conceitos diferentes; a nível conceptual são o mesmo, mas as palavras utilizadas para designar as coisas são diferentes. De acordo com este conceito, é sempre possível traduzir um enunciado, uma vez que os conceitos são os mesmos.

Em geral, não se conhecem problemas próprios da tradução, mas os erros são atribuídos à falta da habilidade de um tradutor. Um primeiro texto onde se fala sobre os métodos da tradução é *De optimo genere oratorum* de Cícero. O autor distingue o método “textual” (a língua de chegada e o texto alvo estão totalmente dependentes do original) no qual é mantida a sintaxe e o método “livre” (a língua de chegada e o texto alvo são nucleares e as ideias do texto alvo são transmitidas o melhor possível).

A tradução literal nunca foi muito bem aceite na medida em que cria significados artificiais ou falsos. Em grande parte das traduções dos discursos de Demóstenes e de Ésquines, Cícero afirma que não as elaborou como tradutor, mas sim como

escritor, mantendo as suas frases, as figuras de retórica, utilizando vocábulos adaptados aos hábitos latinos, não considerando necessário traduzir palavra a palavra, mas mantendo a genialidade dos termos e o seu valor expressivo. Cícero criava uma ponderação entre a importância e a quantidade de palavras. A importância, ou seja, a questão semântica é que deve contar porque a tradução não é apenas um exercício de correspondência de palavras. Para ele, o importante era reproduzir a genialidade da língua estrangeira.

A tradução palavra a palavra, linha a linha, teve, apesar de tudo, momentos de grande importância na história, uma vez que foi aplicada na tradição escolar. O pensamento medieval baseia-se em São Jerónimo que, por seu turno, se consubstancia em Cícero, colocando a questão em termos da tradução *ad uerbum* ou *ad sensum*.

Em termos teóricos, uma obra de grande relevância para o período universalista é *De interpretatione recta* (1440) de Leonardo Bruni. Ele foi o primeiro a impor a manutenção, na tradução, do conteúdo e do estilo do original. Bruni apresenta uma lista de imposições que o tradutor deve respeitar: ter o domínio total da língua estrangeira, alargar os seus conhecimentos linguísticos, lendo o maior número possível de autores dessa língua, ter o conhecimento de toda e quaisquer *nuances* da sua própria língua e ter a capacidade de fazer a análise do estilo do escritor do original para o reproduzir na tradução.

A grande maioria dos humanistas do século XVI defende o ponto de vista de Bruni, mas constata que a tradução tem grandes problemas ao querer veicular nas línguas neolatinas a riqueza e o desenrolar no tempo das línguas clássicas.

Como as línguas modernas estavam ainda num processo de desenvolvimento, recorria-se muitas vezes à introdução de neologismos. Bruni era defensor da metodologia de tradução baseada na fidelidade, sendo que esta metodologia não permitia a utilização de neologismos, mas, por essa via, confrontava-se com aquilo que não se conseguia traduzir. No livro *De optimo genere interpretandi* (1640), Pierre Daniel Huet realça que realmente não é possível traduzir um enunciado. Essa impossibilidade traduz-se no facto de uma tradução não equivaler ao original, uma vez que os sistemas linguísticos são diferentes. Apesar disso, o tradutor deve traduzir da forma o mais fiel possível.

1.2.1.1 O PERÍODO CLÁSSICO E AS TEORIAS UNIVERSALISTAS

No século XVII, no período clássico, a tradução era feita com muita liberdade. O texto fonte sofria uma adaptação plena àquilo que constituía as convenções literárias da cultura de destino. A tradução adequada era a que correspondesse, de uma forma mais graciosa e melhor, ao original. A título de ilustração, as traduções de Homero, datadas dos séculos XVI e XVII e levadas a cabo pelos franceses Peletier du Man, M. de la Valterie, La Motte-Houdar e Mme Dacier tentam suavizar, tornar contemporâneas as alusões a usos e costumes comuns na Grécia de Homero, e que eram desagradáveis ao ponto de perturbar a mentalidade dos habitantes dos séculos XVI e XVII. Nessas traduções, podemos exemplificar com as predileções sexuais dos heróis que eram sempre amenizadas ou intencionalmente tornadas ambíguas, evitando, assim, o choque cultural com a nova forma de pensar.

Até ao final do século XX, e em algumas situações até aos dias de hoje, a tradução é considerada graciosa desde que preencha convenientemente os pressupostos éticos levando autores como Egger (1846) a considerar que uma tradução adequada dos textos de Homero não era possível.

John Dryden, tradutor inglês de poetas clássicos como Homero, era contra as conceptualizações de tradução feitas de uma forma demasiado livre. Em *Preface to Ovid's Epistles* (1680) fez uma apresentação de duas normas a evitar: O tradutor não deve traduzir palavra a palavra; nem pode utilizar o texto de partida como um tema sobre o qual improvisa livremente. Simultaneamente, foi começando a tomar forma um movimento a favor da tradução fiel. Pope (1725) exerceu alguma crítica em relação ao capricho dos tradutores que desejavam empenhadamente corrigir e nobilitar Homero. Leconte de Lisle (1893) defendia que se devia retomar a tradução palavra a palavra para que nada do significado fosse perdido, segundo Mounin esse movimento obedece mais a elementos de ordem social do que a questões estéticas:

Ao homem eterno de uma sociedade teológica e monárquica sucedeu o homem histórico de uma sociedade burguesa: em vez de atenuar, mascarar, suprimir as diferenças entre Aquiles e nós, o jovem pensamento burguês - exaltado pela descoberta da história, arma que serve contra a classe feudal - descobre finalmente estas diferenças e sublinha-as cada vez mais. (1992: 6)

Primeiramente, quando houve tendência para a tradução literal, a mesma era feita sob o pretexto de critérios de ordem estética e filosófica; as escolhas de Leconte de Lisle explicam-se por fatores históricos. Considerava-se que é fundamental traduzir a maneira de pensar, sentir, falar, agir, viver e aclamar os povos da Antiguidade Clássica. O caráter histórico não deve ser alterado por uma questão de respeito pelas questões do domínio etnográfico, questões estas que os tradutores da Antiguidade Clássica não perspetivaram e excluíram.

De acordo com Mounin (1992) a tradução de Leconte de Lisle teve o mérito de abrir o caminho para outras possibilidades de traduções que se focalizaram na distinção de duas intervenções: a translação no espaço que abrange a passagem do grego para o francês e a translação no tempo que pressupunha a passagem do século IX antes de Cristo para o século XIX. Ainda segundo Mounin, esta segunda intervenção, muito má para as “belas infieis”, era a adaptação, a forma de chegar ao que fosse autenticamente equivalente, das transferências mais correctas: já não se tratava da tradução das palavras, era a tradução das ideias, dos sentimentos, das formas de agir, das formas de dizer, das estruturas imagéticas. O ideal era chegar a um texto traduzido de tal forma que Homero parecesse ser um autor francês dos séculos XVII ou XVIII. Muito deste pensamento está refletido neste estudo, partindo porém de aspetos de caráter diferente, como por exemplo, recursos potenciadores da autenticidade do texto, recursos estes aos quais será dado destaque mais à frente.

Aqueles que defendiam a manutenção filológica tencionam preservar nas traduções marcas arcaizantes, até ao ponto de tentarem criar uma língua de chegada que refletisse essas marcas. Para obter este resultado foram criadas traduções caricatas. No século XIX Littré traduziu o “Inferno” de Dante com um francês do século XIV. Assim, o trabalho final não era mais do que uma forma de reconstituir a história ao sabor daquele período. Estas opções conduziram a um debate entre aqueles que defendiam esta escolha e os que apenas tencionavam derrubar tudo aquilo que constituísse um obstáculo ao entendimento integral do leitor da época e que não estava interessado nas questões do âmbito histórico. A meta final desta linha de pensamento era representar o texto de chegada como se este pertencesse genuinamente a essa língua, ou seja, a tradução deveria ser

autêntica e, como tal, invisível. Este fenómeno permitiu um renascer da língua com adaptações e transposições.

No século XVIII, a obra *Essay on the principles of translation* (1797) de Alexander Fraser Tytler teve um papel preponderante. Esta obra era única e enunciava os preceitos da arte de traduzir. Segundo ele, o bom senso do tradutor era crucial aquando da opção por certas traduções. Para Tytler, as ideias e o estilo do original deviam ser mantidos.

A ideia nuclear, que chegou aos dias de hoje, prende-se com a teoria segundo a qual o conteúdo e, de certa forma, o estilo do original devem ser reproduzidos na tradução com autenticidade. Até ao século XVIII, a tradução estava mais centrada na língua de chegada do que na língua fonte. Rener (1989) correlacionou a teoria universalista com as opiniões dos tradutores e reconstruiu a teoria da tradução que vigorava desde Cícero até Tytler. Durante esta fase, o fenómeno da tradução era visto como um conjunto de fases que eram levadas a cabo sequencialmente e de forma lógica. Todos os comentários sobre a tradução dão conta de uma ou várias etapas que raramente eram explanadas devido à sua clareza. Apareceu, desta forma, um manual implícito de tradução resultado dos diversos comentários dos tradutores. Eram apresentadas três áreas no domínio da tradução: a gramática, a retórica e a arte da tradução como artifício. Cada área constituía um sistema com regras próprias cujo todo obedecia a um objetivo comum: traduzir. Provou-se que no período compreendido entre Cícero e Tytler, as traduções não eram feitas de forma aleatória, mas obedeciam a normas implícitas na escrita. Segundo Rener, o *Essay on the principles of translation* de Tytler foi a última obra teórica sobre a tradução que prova a existência de uma relação estreita entre a teoria linguística e as ideias sobre a tradução.

No entanto, por volta do fim do século XVIII a visão da língua começa a mudar. A conceção universalista da língua é posta em causa. Influenciada por Descartes e Locke, entre outros, inicia-se uma nova ideologia na forma de considerar a conexão entre a língua e a forma como o homem exterioriza o real.

1.2.2 O SEGUNDO PERÍODO

1.2.2.1 A TEORIA RELATIVISTA (VISÃO HERMENÊUTICA)

Durante o século XIX, a filosofia universalista da Antiguidade, influenciada por Von Humboldt, acaba por ser substituída, pela relativista. O interesse pela literatura estrangeira cresceu na Alemanha como forma de desenvolvimento das competências face à literatura mundial. Assim, o exercício da tradução sofre um incremento com Goethe, Schiller e os irmãos Schlegel. A ideia da altura era de que não se podiam adaptar as traduções à língua e cultura alvo. Dever-se-ia, assim, preservar, sempre que possível, o carácter “estrangeiro” da língua e da cultura de partida, por forma a beneficiar os destinatários. Von Humboldt, criador da concepção relativista da língua, defende que o pensamento depende da língua em que se fala. Assim, a tradução passa a ser uma reprodução e não apenas uma cópia fiel, ou seja, trata-se de uma reprodução da forma como o próprio tradutor faz a leitura de um enunciado em determinada altura. Esta é a razão pela qual esta concepção é denominada de hermenêutica. A língua é agora encarada como um meio através do qual o ser humano pode catalogar e entender. A realidade que nos cerca passa de uma realidade com carácter imutável e universalista, para se tornar algo que é definido pelos nossos pensamentos e a nossa língua. Esta nova concepção de língua altera também a nossa concepção de literatura. Para traduzir a literatura, deixa de se ter em consideração a visão do original como uma fotocópia da “realidade” e a tradução deixa de ser uma cópia do original. Von Humboldt defendia que eram perfeitamente infrutíferos os esforços do tradutor que se aplicava afincadamente em conseguir uma cópia.

A visão hermenêutica é mantida no século XIX, apesar de a notoriedade que tinha a tradução ter sido vítima de um retrocesso. Porém, a concepção de Von Humboldt consegue voltar às luzes da ribalta nos anos vinte do século passado com teóricos como Sapir e Whorf. Para Benjamin (1935) qualquer tradução é inferior ao original. Na tradução há apenas um intuito que é aproximar-se ao texto fonte.

Nos dias de hoje, quer a concepção universalista, quer a concepção relativista da língua são contestadas. Depois da Segunda Guerra Mundial, surgiram quatro novas abordagens no que diz respeito à tradução.

1.2.3 O TERCEIRO PERÍODO

1.2.3.1 A ABORDAGEM ESTRUTURALISTA

A abordagem estruturalista da autoria de Jiri Levý (1940) tinha como fundamento o facto de o problema mais importante do tradutor ser, não só reproduzir a obra original, mas também produzi-la, uma vez que a própria tradução deve ser uma obra literária. Esta visão, da qual partimos também nesta dissertação, prende-se com estes aspetos, ou seja, a produção (no sentido da autenticidade) e não mera reprodução (ou literalidade) do original. A visão de Levý está em uníssono com os estruturalistas de Praga. A sua obra demonstra que as questões com que o tradutor se depara são consequência da ambiguidade do exercício da tradução, na medida em que esta atividade é ao mesmo tempo reprodutora e produtora. Assim, ao tradutor cabe transmitir as especificidades literárias do texto fonte com autenticidade para que o destinatário da tradução as identifique como características literárias

1.2.3.2 A ABORDAGEM NEO-HERMENÊUTICA

A abordagem neo-hermenêutica parte das ideias hermenêuticas do século XIX. Uma obra literária não tem objetivamente significado, mas é plurissignificativa, razão pela qual se fala da tradução como uma leitura do tradutor que também interpreta a tradução. Segundo esta abordagem, uma obra literária é um dado histórico ou seja, não possui apenas um significado, mas tem em si uma quantidade de significados possíveis. É o tempo e o lugar que determinam os diversos significados. Há sempre subjacente à tradução a leitura que o tradutor faz do original.

1.2.3.3 A ABORDAGEM SISTEMÁTICA

A abordagem sistemática parte do princípio da descrição face à tradução e não do estabelecimento de normas. Deixa de haver uma preocupação pelo estabelecimento de normas para uma boa tradução e passam a avaliar-se os resultados por forma a chegar à identificação das normas que colaboraram para que as traduções surgissem. Esta abordagem estuda igualmente o papel

executado pelas traduções numa cultura de receção. A conferência *Literature and Translation*, organizada em 1976, em Louvain, assinalou os primórdios da abordagem sistemática. A partir desta conferência, Even-Zohar (1976) criou a teoria do polissistema que consiste no reconhecimento da literatura como um “sistema” com diferentes subsistemas conflituantes e, assim, num movimento contínuo. As traduções podem ter neste conflito um papel importante como elemento de transposição desses subsistemas.

1.2.3.4 A ABORDAGEM “TRANSFER”

Levada a cabo desde 1983, em Göttingen, a abordagem “transfer” é semelhante à abordagem sistemática. As investigações vão também no sentido dos aspetos normativos ao traduzir. Faz-se o estudo da tradução, não só tendo em conta a cultura alvo, mas também tendo em conta a cultura de origem. Aquilo que diferencia o grupo de Göttingen do grupo de Louvain prende-se com a eliminação do polissistema. Parte-se do pressuposto de que uma tradução literária não é igual ao texto original e isso deve-se, não só às diferenças entre línguas, literaturas, convenções e tradições, mas acima de tudo em função da leitura do original que serve de base à tradução.

Croce (1950) vai contra a tradução poética, segundo ele não se pode traduzir a poesia, pois a linguagem poética é uma manifestação individual e criadora onde o instinto cumpre um papel mais relevante do que a razão. Esta manifestação, baseada no instinto, é singular, individual e não é permutável. Assim, entender um poema é, para ele, revivificar o ato criativo do poeta. O leitor poderia fundir-se com o criador do original. Uma tradução poética acarretaria uma igualdade absoluta entre o original e a tradução. Croce Interroga se é possível traduzir um poema por meio de uma imitação mais ou menos semelhante numa língua diferente.

Sapir (1931) comunga da opinião de Croce, defende que não é possível traduzir uma obra literária na forma pois cada língua classifica a realidade em categorias. Ele considera ainda que a conceção de estilos literários individuais está

dependente do modo individual de interiorização dos modelos fonológicos e sintáticos que a língua coloca à disposição.

T.S. Eliot (1957) defende que os autores de renome (Dante, Shakespeare, Goethe) são mais fáceis de traduzir que os poemas de escritores menos conhecidos. Tal como Sapir, Eliot faz a distinção entre o grau da intradutibilidade e a inserção na obra de especificidades da língua de origem. Quanto mais um escritor integrar na sua obra características comuns a todas as línguas, mais a sua obra poderá ser traduzida.

Traduzir é assim optar; cada opção transporta consigo limitações de diversa ordem. Um tradutor faz sempre um esforço no sentido de manter inalterável na tradução os aspetos que ele considera cruciais. Traduzir poesia é sempre um compromisso. Meschonic (1972) parte do pressuposto segundo o qual seria árduo traduzir poesia, porém esta conceção está desatualizada. Segundo ele, os problemas da tradução da poesia têm como causa a confusão subjacente entre versos e poesia. Segundo S. Holmes (1969), tradutor de poesia e precursor na ciência da tradução, faz a distinção da poesia no significado amplo do termo. Os problemas que um tradutor encontra traduzindo versos, e sobretudo versos modernos, prendem-se com o facto daqueles que leem poesia terem tendência para antecipar polivalências e ambivalências em textos em verso.

Por outro lado, e contrariamente a este postulado, o leitor de prosa espera uma mensagem singular e definida, sem imprecisões. Por isso, o poema em verso é o conjunto mais complicado de todos os conjuntos linguísticos. Um dos principais dilemas estruturais da tradução é a dificuldade de estabelecer equivalências absolutas entre campos semânticos supostamente próximos em línguas diferentes. Esta dificuldade é comumente transponível na tradução de prosa; mesmo que se percam alguns significados, como a maioria deles são dados pelo contexto, o trabalho final de tradução adapta-se de forma muito limitada ao texto fonte. No caso da poesia é bem mais difícil chegar à equivalência, uma vez que a poesia implica muitas vezes uma forma muito distinta de uso da língua. Foi esta situação que levou Holmes a criar a designação “metapoema” como uma nova aceção para nomear o poema traduzido. O “metapoema” é um algo inteiramente

distinto do original; mantém com o poema original uma relação de identidade semelhante àquela que o poema original mantém com o mundo real.

Octávio Paz (1971), poeta, tradutor e escritor mexicano, tira praticamente a mesma conclusão. Segundo ele, a tradução e a criação de textos são exercícios próximos. A atividade do tradutor é parecida com a do poeta, só há uma diferença, o poeta não sabe qual é o produto da sua escrita enquanto que o tradutor sabe que o seu texto deve reproduzir o poema. O resultado não é uma cópia rigorosa, mas uma transferência do original. O ideal de uma tradução poética é, como Paul Valéry (1930) manifestou, a realização de efeitos idênticos com meios distintos, ou seja, fazer a tradução com o mesmo estilo, embora, os recursos linguísticos sejam diferentes.

1.3 SÉCULO XX

Há uma aproximação dos autores do século XX aos teóricos do século XIX. A sua conceção baseia-se em três aspetos: a desigualdade entre as línguas como uma noção e uma representação diferentes do mundo; a autenticidade dos textos como sendo definida histórica e localmente e a existência de uma suspeita fundamental relativamente às traduções atualizadas e modernizadas. Estes teóricos incentivaram o leitor a mover-se no sentido dos autores estrangeiros. Tal como acontecia nas conceções anteriores, a tradução não é encarada como um exercício de literatura ou de carácter linguístico, mas antes uma metáfora. O original chega a uma fase de *terminus*, o que inviabiliza uma tradução ulterior. Nas traduções feitas conforme esta teoria, o tradutor chega ao limite derradeiro do traduzível.

Ortega y Gasset (1947), como representante essencial desta geração com a sua teoria segundo a qual a tradução de um texto é uma utopia propõe que tudo poderia facilmente manifestar-se em cada língua, como alguns linguistas modernos admitem. Decorre daqui a enorme dificuldade em traduzir, mas ao mesmo tempo um grande desafio que se concretiza no gozo da descoberta e desvendamento dos segredos que cada língua mantém em relação às outras. Esta percepção é o ponto de partida do ensaio de Walter Benjamin (1935).

Segundo ele, a tarefa do tradutor não consiste, em primeiro lugar, na preservação do significado do texto original, ou seja, do seu conteúdo referencial. Traduzir é seguir o modo de significação que é diferente de uma língua para outra. A tradução deveria revelar os diferentes significados entre as línguas envolvidas. Assim, o tradutor cria uma espécie de reencontro entre as línguas, o que deve ser o objetivo final da tradução. Este reencontro é exposto sob a forma de uma significação mais cristalina, através da qual a afinidade que vai para além da história das línguas é divulgada. O tradutor tem como tarefa o aumento da capacidade de expressão da língua materna até àquilo que for admissível no limite para que o original ecoe na tradução. Deve deixar-se a concepção de que a tradução tem de corresponder ao original. A verdadeira tradução é clara, não retoma o original, mas deixa revelar a língua pura do original. Ela completa o texto original e é um complemento de grande importância, uma vez que na tradução o original cresce até uma categoria elevada.

Para Benjamin (1935), uma má tradução de poesia é aquela que apenas transmite a mensagem do original porque se perde o espectro do poema. A teoria de Benjamin entrou em conflito com as correntes habituais; tudo o que era visto como um impedimento era considerado na sua teoria como a tarefa mais elevada do tradutor; o não conseguir traduzir um texto é de facto o que lhe dá legitimidade e o que lhe dá a sua razão de ser. A liberdade do tradutor deixa de ser uma força destrutora, passa a ser uma atitude positiva.

Para que a tradução seja exequível tem de existir como que uma comunhão de ideias entre o tradutor e o autor, assim como uma identidade no que diz respeito ao entendimento profundo e é necessário que entre o tradutor e o escritor traduzido haja afinidades de ideias. O tradutor deve situar-se em três planos: o das línguas, para identificar e respeitar a identidade de cada uma; o do conteúdo, para garantir fidelidade à mensagem (fidelidade essa expressa em termos de correspondência às intenções do autor); o do texto concreto, para se conformar com os seus procedimentos estilísticos e retóricos. O limite para esta clarividência absoluta do texto está presente nos nomes próprios que denunciam a sua origem estrangeira. Outra limitação é a conservação de dialetos, gírias ou falares populares que podem ficar mais pobres quando transitam para a língua padrão. A única forma de evitar estes dois problemas seria criar uma adaptação do texto em

vez de uma tradução, recriando novos nomes de personagens adaptados a uma onomástica e que estivessem directamente relacionados com um dialeto local que fosse tão próprio como o do texto original.

Outro nível da tradução dita clara é a que tem por base a eliminação da separação temporal de um original e da respectiva tradução. Uma tradução clara é aquela que cancela as disparidades próprias da diacronia das línguas. O legado dos séculos XVII e XVIII considerava que a tradução era bem-sucedida quando as marcas temporais não estavam presentes e se conseguia transpor para o texto traduzido o equivalente contemporâneo. Por esta via ter-se-ia que aplicar um vocabulário novo de forma sistemática, assim como uma nova sintaxe e forma de elocução das frases. Para isso, o tradutor deve disfarçar, transpor, excluir palavras, estruturas, matizes, e até emoções, posturas, hábitos e práticas, ou seja, tudo aquilo que poderia confundir o leitor. Assim, tudo tinha tendência para uma atualização como se estivessem a filtrar elementos que pudessem remeter para outro tempo.

A “fluência” opõe-se à “resistência” nas palavras de Venuti (1995). Venuti chama de estratégias “estrangeirizadoras” da tradução, com o intuito de suspender o experienciar da leitura e chamar a atenção dos leitores para a materialidade da linguagem e o facto de estarem lendo uma tradução. A tradução “resistente” seria opaca nos seus termos:

The translation must be seen as a *tertium datum* which sounds foreign to the reader but has an opaque quality that prevents it from seeming a transparent window on the author or original text: it is that opacity a use of language that resists easy reading according to contemporary standards – that will make visible the intervention of the translator, his confrontation with the alien nature of a foreign text. This sort of translation, quite simply, will read as if it had been translated. It will have what Steiner has provocatively called, “the resistant particularity of ‘the other. (1986:190)

Quando falamos da fluência da tradução, o papel do tradutor é remetido para segundo plano, e considera-se que a tradução é tanto melhor quanto a intervenção do tradutor é menor, ou seja quanto mais invisível ele se torna. O texto deverá ser transposto para outra língua “sem que se perceba que para isso foi necessária a atuação de um ser humano de carne e osso” (Benedetti, 2003:26).

A não presença do tradutor (ou seja, o facto de não ser identificado no seu trabalho), pode ter um valor, em termos de dimensão, diferente. Wyler argumenta:

Nas críticas os tradutores são lembrados apenas quando a tradução não é tida como satisfatória; se não for o caso, (o seu) trabalho é creditado ao autor do livro, como se ele mesmo tivesse escrito em português, um texto livre, sem chavões ou num estilo seco. (2002:57)

Esta contradição, ou seja, de que é a interferência do tradutor, ou o seu trabalho, que é responsável pela sua “invisibilidade” na leitura do texto, e de que a tradução é um texto “trabalhado”, não reflectindo uma versão transparente do original, é também observado por Benedetti (2003).

Por último, Steiner (2002) situa-se entre duas posições: a posição universalista, que defende que há universais abstratos comuns a todas as línguas e, assim, implicitamente, que a comunicação é semelhante em diferentes culturas, fazendo a tradução entre culturas possível, e a posição que realça as grandes diferenças entre as línguas que detém padrões de pensamento dentro dessas línguas que devem ser diferentes e, portanto, que a tradução direta é impossível.

Steiner divide a tradução em quatro "movimentos" separados: a confiança de iniciativa, a incorporação, a agressão e a retribuição. Idealmente, a tradução deve equilibrar essas quatro propostas para alcançar uma espécie de arrebatamento.

Na continuação do nosso estudo vamos, de seguida, apresentar concretamente o nosso posicionamento relativamente ao aspeto central do nosso estudo, a autenticidade. Assim, começaremos por falar da autenticidade como conceito na tradução e, uma vez que o *corpus* paralelo que iremos analisar é de natureza literária, pensamos ser pertinente apresentar também, e de forma mais concreta, neste capítulo, algumas ideias sobre a forma como a autenticidade pode ser alcançada nesta tipologia textual.

CAPÍTULO II - A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO

2.1 O QUE É E COMO SE CHEGA À AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO

Muitas vezes quando se frequenta a licenciatura em Tradução, ouve-se dizer que um determinado texto traduzido não parecia uma tradução. Esperava-se, assim, que o tradutor fosse “invisível” e que a tradução não parecesse “estrangeira”. Assim, e neste estudo, isso significa para nós que o texto terá sido traduzido com autenticidade. Mas o que é a autenticidade, tal como a delimitamos no nosso estudo? Ela será estudada como os **recursos semânticos** (equivalências de significado tradução), **sintáticos** (equivalências na forma como os elementos se organizam para formar as frases traduzidas) e **lexicais** (equivalências em termos de classe morfológica de uma palavra na tradução) que conduzem, assim, à elaboração de uma tradução que corresponda no significado à forma como o mesmo é expresso na língua de chegada (LC), em que a sintaxe seja a utilizada na LC e o léxico seja aquele que é utilizado na língua de chegada. Assim, defendemos que a tradução é sempre mais uma produção do que apenas a reprodução. Não deixamos, porém, de respeitar o original e aquilo que ele pretende transmitir.

Mas, e seguindo o raciocínio enunciado anteriormente relativo aos recursos que servirão de base ao nosso estudo, vejamos mais detalhadamente o que os mesmos representam. Em primeiro lugar, o recurso semântico irá ser analisado tendo em consideração as escolhas da tradutora para fazer equivaler o significado do original, isto é, a forma como a tradutora transporta o significado da língua de partida para a língua de chegada para que o leitor quando está perante o texto traduzido o sinta como se de um original se tratasse e não como uma “estrangeirização”. O texto traduzido, não perdendo de vista o significado original, representa de forma autêntica para a língua de chegada o que o original quer transmitir, não descurando, porém, também o tipo de texto que está a ser traduzido. No nosso estudo de caso, trata-se de um texto literário e, como tal, para que a autenticidade exista na língua de chegada é também necessário que o

tradutor mantenha as características do mesmo ao utilizar equivalentes semânticos.

O recurso sintático, é tanto mais autêntico quanto o tradutor segue as regras de formação frásica da língua de chegada, isto é, as frases, mesmo que no original haja uma ordem que faça sentido ser de uma determinada forma, o tradutor para criar autenticidade na língua alvo, terá muitas vezes que a alterar, mas não só pelo facto de gramaticalmente a língua de chegada o exigir. No entanto, essas alterações sintáticas que analisaremos, prendem-se também com aspetos de carácter literário, sendo aqui, mais uma vez, a autenticidade conseguida com alterações da ordem das palavras que em português irão tornar o texto mais próximo do original em termos de estilo, mas, e simultaneamente, próximo da ordem que é apropriada à língua portuguesa para esse efeito.

O recurso lexical, prende-se neste estudo fundamentalmente com aspetos de carácter morfológico, ou seja, iremos analisar a forma como a tradutora opta muitas vezes por alterar em português a classe morfológica para que o leitor português possa autenticamente ler o texto – não criando artificialismos, ou frases em que a classe morfológica se fosse a mesma do original não permitiria a leitura fluente do texto, podendo igualmente perder-se a autenticidade na língua alvo em relação ao carácter literário do texto.

Além disso, uma vez que línguas distintas são distintos sistemas de representação de uma dada realidade, não podemos unicamente substituir termos de uma língua por termos de outra. Se a língua de chegada é um sistema distinto de representação que tem outros recursos, porque não explorá-los para o benefício de um pensamento melhor apresentado para quem lê na LC? Para a análise semântica, sintática e lexical comparativa, este estudo baseia-se num texto de carácter literário em que a LP é o Inglês e a LC o Português.

O chegar à autenticidade em tradução requer, para além naturalmente da competência do tradutor, o que entendemos como pressupostos teóricos que nos podem servir de princípios norteadores.

Nós entendemos que um texto deve ser apropriado ao original e não deve parecer uma tradução (deve ser autêntico para quem lê). Uma tradução é, antes de mais,

um texto e, com base nesse fundamento, deve inevitavelmente ser examinada como tal.

Primeiro, devemos questionar-nos sobre o que é, ou pode ser entendida como uma "tradução". Para além disso, como é que devemos analisar uma tradução? Que paradigma de avaliação será o mais apropriado? Consideramos que não podemos unicamente "calcorrear" um texto à procura de erros isolados para depois declarar que a tradução é má apenas porque nela detetámos uma série de erros. A fidelidade ao original será um raciocínio plausível para se levar a cabo a avaliação de uma tradução? Ou seja, uma tradução poderá ser avaliada apenas com base neste tipo de pressuposto? Por outro lado, será que o texto de partida é sempre importante em todos os seus aspetos? Em relação a um determinado objetivo de tradução, o conteúdo do original pode ter supremacia relativamente à forma ou vice-versa. Ao longo do atual estudo, partiremos também do princípio de que a tradução será "fiel" ao original desde que apresente a solução de tradução mais apropriada à sua utilidade no contexto da língua de chegada, isto é, se o texto for destinado a especialistas numa área, a sua linguagem deve ser de nível científico, se o texto é de carácter literário, a tradução deve manter o carácter literário do texto – serão, assim, traduzidos com autenticidade.

Quando a tradução é suscetível de provocar comentários no sentido de não parecer uma tradução, isto leva-nos a argumentar sobre aquilo que terá levado a essa situação, isto é, quais foram os instrumentos que conduziram à produção de um texto que se torna impercetível na sua origem e autêntico no seu destino.

O facto de se esperar que o trabalho do tradutor seja impercetível conduz a uma reorganização e conhecimento profundo dos instrumentos para lá chegar. Muitas vezes, esses trabalhos menos autênticos (no nosso estudo em termos semânticos, lexicais e sintáticos) para quem lê são etiquetados de não traduções, isto é, não lhes é atribuída vida própria, elementos que possibilitem recriar e dar ao texto as particularidades na língua de chegada.

Mas quando é que se pode considerar que uma tradução é autêntica? Quando não contém léxico inabitual, construções fráscas pouco próprias da língua de chegada ou, em termos semanticos, definições confusas. Não queremos dizer com isto que nos afastemos do original de tal forma que o descaracterizemos,

mas tão-somente que consigamos estabelecer o equilíbrio entre a língua de partida e a língua de chegada.

2.2 A CRÍTICA DA TRADUÇÃO

De uma forma ou de outra, as traduções sempre foram avaliadas, discutidas ou criticadas, seja num contexto pedagógico, seja num contexto científico. A obra de Katharina Reiss (2000) é considerada um “clássico”, na medida em que apresenta um estudo vanguardista sobre a crítica de tradução. No seu prefácio (2000:11), Reiss declara que o “objetivo das reflexões que apresenta é o de enunciar grupos adequados e critérios de avaliação objetivos e aplicáveis a todos os tipos de traduções.” Na opinião da autora “é necessário determinar um enquadramento geral que englobe todo o tipo de modelos significativos para a apreciação.” De uma forma concisa Reiss observa como “indispensável a presença de regras objetivas de avaliação de traduções, considerando que cada tipo de texto exige diferentes regras de análise de acordo com as suas particularidades singulares.” Mais à frente, falaremos assim, das características que deverão ser analisadas no texto literário, uma vez que é esse o nosso *corpus* paralelo.

Este é, então, o aspeto primordial a ter em conta quando se parte para a crítica de uma tradução, no sentido de a mesma ser autêntica ou não, sendo que a análise deste estudo toma por base os pressupostos de Reiss. É necessário ter consciência de que cada tipo de texto apresenta atributos distintos e que, por essa razão, deve ser avaliado conforme a sua tipologia e todos os aspetos que a definem. Outra das condições essenciais da crítica de tradução é o conhecimento das duas línguas, uma vez que o suporte metodológico da crítica é a confrontação entre o texto original e a sua tradução (método que utilizaremos neste estudo de caso). Consideramos que não é possível avaliar um trabalho de tradução sem o comparar com o original, pelo que só quem tiver conhecimento de ambas as línguas em questão possui os instrumentos necessários para tal exercício. Limitarmo-nos a avaliar os parâmetros do texto de chegada é verdadeiramente possível, mas não numa perspetiva de crítica de tradução para a verificação da autenticidade da mesma.

Para um melhor entendimento da proposta de Reiss torna-se igualmente importante esclarecer o que se entende neste contexto particular por “objetividade”, uma vez que a autora menciona muitas vezes a utilização de “critérios objetivos”. Existem várias condições que nos impossibilitam a emissão de um parecer objetivo como, por exemplo, o reconhecimento da especificidade de cada tradutor, na complexidade das suas dimensões pessoal, ideológica e linguística ou na forma da sua história como leitor, entre outras. Reiss chama, assim, a atenção para o que se deve entender por “crítica de tradução objetiva”:

In the present context objectivity means to be verifiable as in contrast to arbitrary and inadequate. This means that every criticism of a translation, whether positive or negative, must be defined explicitly and be verified by examples (2000: 4).

Assim, o conceito de “objetividade” é aqui utilizado por contraste com discricionariedade e inadequação, ou seja, toda a crítica, seja ela positiva ou negativa, deve ser convenientemente esclarecida e fundamentada através de exemplos, de maneira a não se tornar numa mera avaliação não metódica e discricionária. Desta forma, constituem “critérios objetivos” aqueles que não são discricionários, que são observáveis e adaptados. Reiss chama ainda a atenção para as ocorrências em que a crítica feita é negativa, avisando para que se tente compreender o que terá estado no princípio do hipotético erro. Tal como Reiss sustenta, citando A. W. von Schlegel: “It seems to me a very reasonable demand that when translations are criticized there should always be a proposed remedy” (2000:5) sobretudo por forma a impedir que quem faz a crítica seja acusado de mero capricho ou preciosismo. Surge, então, uma outra conceção basilar: o conceito de “crítica de tradução construtiva”. Esta noção coloca um repto ao crítico: o de, por cada crítica negativa, apresentar uma sugestão que, no seu entender, concorra para o aprimoramento da tradução. Pensamos ser igualmente importante ter também o bom senso fundamental para constatar e assinalar os aspetos positivos da tradução. Qual será então o potencial da crítica de tradução e em que medida ela se torna significativa, uma vez que se emprega em textos que já se encontram fechados a qualquer tipo de modificação, isto é, já não irá gerar qualquer consequência no objeto específico de avaliação, pois este é já um produto final? Porém, as traduções nunca são verdadeiramente derradeiras, pois há sempre a hipótese de serem reeditadas. A crítica de tradução feita com base

apenas no texto de chegada não é viável e não se torna proveitosa na medida em que o crítico não tira partido de todos os instrumentos que lhe possibilitam executar uma avaliação ponderada. Reiss é clara quanto a este elemento e apresenta como exemplo a tradução de romances:

The judgment of a translation should never be made one-sidedly and exclusively on the basis of its form in the target language. If the work is a novel, the translation critic may well assume it to be an example of light fiction, while in actual fact the translator has simply been incapable of integrating the text's elements of content, structure and style. A definitive judgment is possible only if its inadequacies can also be observed and demonstrated in the source of the translation (2000: 9-10).

Um romance lido apenas na sua versão traduzida pode até adaptar-se às expectativas do público-alvo no que toca às particularidades gerais que se preveem neste tipo de texto. Porém, é lícito interrogarmo-nos sobre se o texto original ostentaria, por exemplo, a autenticidade que o texto de chegada lhe associa na tradução; se, apesar da mesma, a tradução corresponde ao original em termos de conteúdo; ou até mesmo se a fluência é dos objetivos essenciais de uma tradução. São estas perguntas que nos levam a reforçar a afirmação de que só é exequível efetivar a crítica de uma tradução se houver uma confrontação sistemática com o original e com todos os seus aspetos envolventes. Ainda que existam várias maneiras de assinalar incoerências numa tradução, sem a análise do original em termos, por exemplo, de construções frásicas estranhas, incoerências internas ou do próprio estilo do texto de chegada, esse tipo de apreciação pecaria sempre por falta de alusão ao original e nunca conseguiria ser apropriada.

A noção de “fluência” (que se pode conseguir com a autenticidade no texto de chegada) constitui, a par da “fidelidade”, um dos supostos ideais que qualquer tradutor deveria obter. Venuti (1995:2) argumenta que: “[...]the more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text.” Neste estudo consideramos que a componente produtora é um elemento mais viável para uma tradução autêntica, capaz de captar o significado do original e de o recriar no texto de chegada de forma autêntica, impercetível para quem lê. No excerto que mais à frente apresentaremos como *corpus* paralelo, a própria tradutora refere que adaptou o

texto de origem aos equivalentes semânticos, lexicais e sintáticos da língua portuguesa. Por exemplo, a tradutora refere na nota textual de tradução:

Se é útil conservar traços que dêem ao leitor português um sabor de como viviam os *gentlemen* na Inglaterra do século XIX (as horas desfadas das refeições, com os lautos “pequenos almoços”, ou a manutenção das medidas e moedas inglesas, sempre que possível estão lá para isso, até porque acontece decorrerem dessas especificações alguns trocadilhos), por outro lado, parece-me que num texto onde impera o humor, cujo efeito parte muitas vezes do reconhecimento e do imediato consenso contextual sobre o uso da linguagem, são preferíveis certas domesticações. Assim, todos os *Mr.*, e *Miss* passam a “Sr.” Ou “Sra.” E “Menina”, perdendo o saboroso *Mistress*, para mulher viúva, que não existe em português e surge apenas como “Sra.”. (2012:18)

A questão da “fidelidade” levanta duas questões: fiel à forma ou fiel ao conteúdo? Contudo, apesar da presença de correntes teóricas diferenciadas que mencionámos no primeiro capítulo e que sugerem ora a “fidelidade” ora a “fluência”, consideramos que estas duas noções não têm inevitavelmente que se rejeitar numa mesma tradução.

Antes de se chegar a uma conclusão universal acerca da tradução analisada, deve ser feita uma análise segundo diversas óticas. Reiss (2000:16-48) recomenda “uma série de passos principais para a análise dos agentes implicados na organização de normas objetivas e de classes importantes para a prática da crítica de tradução. O primeiro passo constitui o reconhecimento do tipo de texto que a obra original reproduz, por forma a impedir a prática de modelos de avaliação não ajustados a esse mesmo género de texto. Seria um equívoco aplicar as mesmas normas de apreciação a uma obra literária ou a um texto técnico, por exemplo.” Pode parecer um princípio demasiado óbvio mas, na opinião de Reiss, ainda não foi alvo de uma discussão sólida. “O segundo passo consiste no reconhecimento da linguagem utilizada no texto que vai ser analisado. Uma vez que a linguagem é o modo de expressividade de qualquer texto, todo o texto deve ser analisado para determinar concretamente quais as funções da linguagem que este reproduz.”

O paradigma triádico proposto pelo psicólogo alemão Karl Bühler (1934) forma ainda hoje um dos modelos mais relevantes nos estudos da linguagem. Segundo Bühler, é viável diferenciar três funções diferentes da linguagem - função de representação, função de expressão e função de apelo. Assim, a linguagem terá

uma função de representação quando a mensagem permutada na situação de comunicação remete para o conteúdo; a linguagem terá uma função expressiva quando manifesta a posição do falante em relação ao conteúdo e poderá ainda ter uma função apelativa quando a mensagem é direcionada para o ouvinte. Mais tarde, Jakobson (1970) viria a concluir o modelo apresentado por Bühler. Jakobson adiciona mais três funções da linguagem: a função fática (relacionada com o canal através do qual é transmitida a mensagem), função metalinguística (relacionada com o código de referência da mensagem) e a função poética (relacionada com a mensagem propriamente dita).

Segundo as três funções essenciais da linguagem acima mencionadas, Reiss nomeia três tipos essenciais de textos: *content-focused texts* cuja linguagem tem uma função representativa em termos de grandeza lógica e abrangem, entre outros, notícias, comentários, relatórios, documentos oficiais ou patentes; *form-focused texts*, que se qualificam por uma espécie de linguagem eloquente encaixada numa dimensão estética, como por exemplo, toda a espécie de textos que assentam em princípios literários formais nos quais os recursos estilísticos têm uma intenção estética e *appeal-focused texts*, cuja linguagem tem uma função indutora na dimensão do diálogo, por exemplo, os anúncios publicitários, propaganda ou textos em que predomina o diálogo entre personagens. Reiss adiciona ainda um quarto tipo de texto – *audiomedial texts* – que abrange textos que foram escritos para serem recitados ou cantados e não propriamente lidos pelo recetor, por exemplo, peças de teatro, óperas ou recitais. O último passo consiste então na definição rigorosa do tipo de texto em questão tendo em conta a representação exposta no passo anterior.

A crítica de tradução estabelece uma das hipóteses de evolução e melhoria das competências do tradutor através da análise cuidada e fundamentada de uma tradução já existente, objetivo também do nosso estudo empírico, ou da autoavaliação sistemática e crítica do seu próprio trabalho. Nicole Martinez Melis e Amparo Hurtado Albir (2001) identificam três áreas distintas de análise de traduções: a apreciação de tradução publicada, a apreciação da prática de tradução (profissional) e a apreciação do ensino da tradução. A primeira área compreende essencialmente textos literários (poesia, romance, ensaio, entre

outros) e textos sagrados, ou seja, as áreas às quais, segundo as autoras, a apreciação de tradução tradicionalmente se restringe.

O sistema de apreciação de traduções publicadas pode limitar-se a uma tradução unicamente (como é o caso do nosso estudo) ou à confrontação de múltiplas traduções de uma mesma obra. A apreciação da prática de tradução está ligada à avaliação de um tradutor por motivos profissionais, isto é, quando este se candidata a um determinado cargo ou quando se avalia o seu desempenho em termos de custo-eficácia.

No que diz respeito à apreciação do ensino da tradução, não iremos desenvolver no nosso estudo, uma vez que tal não é o seu objeto.

2.3 A CORRESPONDÊNCIA E A AUTENTICIDADE

Uma vez que duas línguas não são sempre análogas, quer nos significados dados aos símbolos correspondentes ou nos modos como tais símbolos são ordenados em frases, é lógico que não pode haver absoluta correspondência entre as línguas. Portanto, não pode haver traduções absolutamente exatas. Também não se deve conceber que o processo de tradução pode impedir um determinado grau de interpretação por parte do tradutor.

2.3.1 DIFERENTES GÊNEROS DE TRADUÇÕES E A AUTENTICIDADE

Nenhuma declaração relativa aos princípios da correspondência na tradução pode estar terminada sem reconhecer os muitos tipos distintos de traduções, como afirmou Phillips (1995). Tradicionalmente, temos pendor a pensar em termos de traduções livres ou parafrásticas, por oposição a traduções próximas ou literais. Algumas traduções apontam para uma relação muito próxima em termos formais e semânticos, mas têm generosamente envolvidas notas e comentários. Muitas não estão tão preocupadas em dar esclarecimentos como em criar no leitor algo do mesmo tom com que foi transmitida pelo original, ou seja, traduzem para que o

original esteja presente na língua de chegada, em termos não só de significado, mas também quanto à forma e ao estilo.

Os objetivos específicos do tradutor são também condições importantes para determinar a espécie de tradução. É assumido que o tradutor tem objetivos usualmente idênticos a, ou pelo menos conciliáveis com os do autor original.

2.3.2 MARCAS DE AUTENTICIDADE

Quanto à circunstância de não parecer uma tradução, e ser, assim autêntica, há também várias questões que se levantam e que são importantes para o nosso estudo: Quais são as marcas dessa autenticidade em tradução? Quando traduzimos, consideramos, por exemplo, que o nosso texto está correto quando sintaticamente corresponde à língua de chegada e não à língua de partida; caso contrário não parecerá uma tradução. Venuti afirma:

Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target language reader. This difference can never be entirely removed, of course, but it necessarily suffers a reduction and exclusion of possibilities – and an exorbitant gain of other possibilities specific to the translating language. Whatever difference the translation conveys is now imprinted by the target language culture, assimilated to its positions of intelligibility, its canons and taboos, its codes and ideologies. (1995:18.)

Em muitos géneros de tradução, como num manual de instruções de uma máquina, por exemplo, o sistema linguístico é específico e, à partida, baseia-se essencialmente num regime de transposições lexicais diretas. Enquanto a discussão acerca destes aspetos prossegue, é indispensável que os tradutores ponderem, cada vez mais, sobre o seu trabalho. Como sustenta Venuti (1995), os tradutores devem desenvolver uma autoconsciência teórica sobre a posição e objetivo do seu trabalho e aqui não podemos deixar de salientar o quão importante foi esta prática no seminário de Língua Estrangeira (A) e Tradução I – Inglês que frequentámos neste Mestrado. Este estudo que aqui apresento é também, não só para nós, mas igualmente para todos aqueles que se interessam ou trabalham nesta área, a forma de contribuir para essa autoconsciência.

Schleiermacher (1813) formulou uma visão dicotómica da tradução, iniciada por Goethe (1800), segundo a qual o leitor se mantém na sua esfera linguística

havendo dois caminhos possíveis: o que descrevemos, em que o tradutor leva o leitor ao autor e, assim, a compreender a linguagem original que lhe é estranha; ou o significado inverso em que o tradutor leva a obra até ao leitor por uma via mais de assimilação, como que adaptando a obra original ao contexto da língua de chegada, sendo que esta é a forma mais próxima do que defendemos aqui.

As línguas não se distinguem fundamentalmente no que podem transmitir, mas na maneira de dizer. Por isso, Jakobson afirma que:

Toda a experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios. (1970: 67)

Em síntese, não há equivalência total entre as línguas ao nível da forma, mas existe equivalência ao nível do conteúdo comunicativo. Por outras palavras, cada língua é um sistema *sui generis*, um código próprio, com as suas distintas formas e regras, mas é também, simultaneamente, um sistema de comunicação, o que torna possível a tradução.

Esta é uma das razões pelas quais encaramos a questão da autenticidade da tradução, não apenas como veículo retransmissor de conteúdo, mas também como elemento de transposição de uma informação – que poderá não ser fiel nas palavras, por vezes, devido à impossibilidade da tradução literal, mas deverá sê-lo naquilo que o original pretende comunicar.

Essa essência dual da linguagem é bem manifesta por Bell da seguinte forma:

Toda língua é uma estrutura formal - um código – que consiste em elementos que podem combinar-se para veicular ‘sentido’ semântico e, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação que emprega as formas do código para referir-se a entidades (do mundo real ou imaginário) e cria sinais que possuem ‘valor’ comunicativo. (1991: 6)

Acrescenta ainda o mesmo autor que:

O tradutor tem opção, então, de focalizar quer as equivalências formais, que ‘preservam’ o sentido semântico do texto original, [...] quer as equivalências funcionais, que ‘preservam’ o valor comunicativo do texto [...]. (1991:7)

A tradução só é, assim, impraticável, conseqüentemente, para quem observa a língua somente por uma de suas vertentes, isto é, a de ser um sistema *sui*

generis, um código distinto. Mas é necessário não descurar que toda língua é, também, um sistema de comunicação superior, isto é, um meio de expressão que tem em si elementos que são universais, o que torna exequível a comunicação interlíngua que constitui a tradução.

2.4. A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO COMO PERMUTA E CRIAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Em contraste com as significações de tradução como reprodução ou transferência de significados de uma língua para outra, determinadas maneiras de ver a leitura e a tradução, da mesma forma unilateralmente, ou seja, concebem a leitura e tradução como procedimentos fundamentalmente criativos de formação de significados, supostamente olvidando que todo o texto é também ele um código linguístico que já existe previamente e é impositivamente dado aos sujeitos, carregando em si elementos significativos relativamente estáveis e objetivos que carecem ser identificados por todo aquele que pretender entendê-lo e/ou traduzi-lo. A concepção mais vulgar de tradução, de acordo com os linguistas, todavia, não é o de “transferência”, mas o de “substituição”, de significados. Catford (1980), apesar de admitir algumas ocorrências de “transferência” de significado em traduções, elucida bem que esse não é o método normal. Ele afirma o seguinte:

[...] deveria ficar claro que é possível uma espécie restrita de “transferência de significado” de uma língua para outra; mas fica igualmente claro que isso não é o que normalmente se entende por tradução. Em “tradução” há substituição de significados da LF [Língua-Fonte] por significados da LM [Língua-Meta]: não transferência de significados da LF para a LM. Na transferência há uma implantação de significados da LF no texto da LM. Esses dois processos devem ser claramente diferenciados em qualquer teoria de tradução. (1980:53)

Catford recusa conseqüentemente que a tradução seja só um processo de “transcodificação”, isto é, um processo de “transferência” de significados, pois o significado pertence à língua. Um texto da língua de partida tem um significado que é da língua de partida, e um texto da língua de chegada tem um significado que é da língua de chegada: um texto russo, por exemplo, tem um significado russo e um texto equivalente inglês tem um significado inglês.

Assim, para Catford a tradução pode definir-se como a substituição de material textual numa língua por material textual equivalente noutra. É essa fundamentalmente a mesma noção básica de tradução perfilhada por outros

linguistas célebres. Para Nida (1993) a tradução constitui a produção na língua de chegada do equivalente natural (isto é, com maior autenticidade) que se aproxime mais da mensagem da língua de partida, primeiramente relativamente ao significado e depois no que diz respeito ao estilo. Esta visão torna-se comum entre os estudiosos contemporâneos destas temáticas, a qual já tivemos oportunidade de apresentar neste trabalho. A questão do equivalente natural prende-se também diretamente com o que tentamos estudar e provar como válido neste trabalho.

O conceito de tradutor como criador de significados e o caráter essencialmente produtivo do método de tradução encontram-se bem explícitos, muitas vezes, na medida em que se interroga a solidez de um texto, seja “original”, no sentido de o tradutor conseguir captar o significado do texto de partida e, quando a tradução literal não é possível, conseguir encontrar o equivalente semântico que melhor se adapta à língua de chegada ou não, quando não consegue encontrar equivalente, na medida em que se faz referência ao papel do tradutor como criador de significados. Para se entender o método de tradução (e as teorias que procuram explicar esse método), é preciso tentar perceber, em primeiro lugar, o método de leitura, pois qualquer tradutor é inevitavelmente um leitor.

Assim, consideramos importante para a discussão da autenticidade da tradução ter em consideração este tipo de aspetos, uma vez que a autenticidade só é verdadeiramente conseguida, do nosso ponto de vista, quando a leitura do original for a mais adequada.

Neste estudo, quando falarmos em equivalência, estaremos muitas vezes pensando em equivalência em termos de significado. Isso não quer dizer, porém, que os outros aspetos não sejam importantes ou que seja possível abordar todos os aspetos do fenómeno tradutório dando preponderância ao significado. Dessa forma, a eventualidade ou não de haver equivalência entre duas palavras ou expressões vai estar ligada ao conhecimento do significado adotado. Se, por um lado, a língua é uma “instituição” ativa em constante modificação, essa modificação não se pode dar de forma desgovernada e absolutamente imponderável, ou seja, o signo linguístico pode ser ativo, mas parece permitir muito pouca variabilidade. Mesmo a rapidez dessa dinâmica não pode ultrapassar

certos limites. Assim, se por um lado, a interpretação é ativa e criadora de significados, por outro ela deve assegurar um mínimo de intersubjetividade para que a comunicação possa acontecer de modo eficiente, ou seja, precisamos como tradutores de criar autenticidade em tradução para que a comunicação se estabeleça de forma integral.

2.5 A TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

De acordo com Nida e Taber, “translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source-language message.” (1969:12)

Iremos agora abordar a forma como na literatura, objeto do nosso estudo prático na terceira parte, o tradutor tem que dar um significado para quem vai ler.

Quando um tradutor decifra uma obra, ele deverá ter em consideração que a literatura é um domínio em que o próprio autor pode jogar com as palavras, fazê-las ir para além do que, frequentemente, é o seu significado principal. Torna-se algo intrincado e que obriga a um trabalho para além da tradução, ou seja, uma interpretação por parte do tradutor para que possa desventrar o significado e, desta maneira, levar para a língua de chegada, com autenticidade, o que foi transmitido pelo autor.

2.5.1 AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO LITERÁRIA

Poderíamos incorrer no erro de, ao pensar sobre a autenticidade da obra de arte (obra literária, neste caso), conceber uma tradução literária como a cópia de um original. Como já afluímos previamente no nosso estudo, há uma questão fulcral que é preciso não esquecer e que tem a ver com a “tradutibilidade” e a tradução como “criação”. A maior parte das pessoas, quando pensa em tradução, imagina uma atividade meramente automática em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai permutando, uma por outra, as palavras de uma frase na língua de origem pelos seus equivalentes na língua de chegada. Na verdade, as coisas passam-se de modo diferente. As palavras não têm significado separadamente, mas dentro de um contexto e por se encontrarem dentro desse contexto. As palavras estão sujeitas a muitas ambiguidades e significados polissémicos.

Existem inúmeros exemplos destas situações, ou seja, situações nas quais as palavras apenas adquirem significados graças às restantes palavras que lhe são agrupadas.

Visto por este prisma, facilmente chegamos à conclusão de que o papel do tradutor torna-se particularmente mais importante; perde o que tinha de automático e transforma-se numa atividade seletiva e reflexiva.

É árduo produzir um “regulamento” ou “manual de tradução”. As utilizações prováveis de qualquer palavra são inúmeras e imprevisíveis; o fluir contínuo da língua passa por momentos sempre novos. Para além de que o profissional que traduz um texto de português para o inglês não tem de se defrontar com problemas iguais de quem traduz para o francês. Essa problemática complica-se ainda mais quando o texto a traduzir é de carácter literário. Neste género especificamente o tradutor deve empregar os seus conhecimentos de especialista em tradução para alcançar efeitos literários e provocar emoções de carácter estético.

2.5.2 O TRADUTOR LITERÁRIO – O SIGNIFICADO E A CULTURA

Consideramos que o conhecimento do próprio idioma, o conhecimento da língua de chegada e algum bom senso constituem apenas alguns dos requisitos para um tradutor. Mas será que um tradutor literário deverá ter uma cultura geral que lhe proporcione o reconhecimento dos lugares comuns? Ou seja, do que são expressões próprias da língua de partida e que estão intimamente ligadas às formas de expressão, como clichês, frases feitas, chavões, estes são só alguns exemplos dos condicionalismos a que um tradutor está sujeito. Um espírito curioso e uma mente sempre atenta são condições imprescindíveis; o tradutor que quer ser um bom profissional, tentará habituar-se, igualmente, sempre que possível, aos hábitos, à história, à geografia, às instituições do país de cuja língua traduz, além de se ser possuidor de imprescindível cultura geral.

Do tradutor espera-se a mediação entre culturas e, em primeiro lugar, que seja capaz de diferenciar o que é importante como palavra em distintas comunidades

culturais. Embora o nosso estudo não tenha como enfoque as questões culturais não podemos, porém, deixar de referir o que de cultural está subjacente à questão semântica (um dos recursos analisados em termos de autenticidade).

Assim, um tradutor literário não se pode limitar a consultar um dicionário para encontrar o significado de um termo, ou seja, a estabelecer uma ligação entre o significado e o significante ou a descrever as qualidades do referente. O tradutor deve, igualmente, estabelecer uma ligação entre os significados, que são resultado de uma cultura e por ela estabelecidos, e o que subjetivamente constitui a forma de olhar o mundo do autor.

Por este facto, o tradutor não deve apenas ter em atenção a tradução da palavra, mas também o significado que o autor lhe atribui e o contexto em que está inserida. Se esta preocupação não estiver presente, o tradutor poderá incorrer no erro de interpretar segundo os seus códigos culturais, a sua maneira de olhar o mundo, o que poderá não corresponder ao que o autor pretende dizer.

Em segundo lugar, o tradutor é um mediador na medida em que organiza informação, isto é, como um leitor privilegiado do texto na língua de partida, ele lê a fim de criar outro texto; a sua tradução forçosamente espelha a sua leitura. O trabalho do tradutor passa por um caminho rodeado de condicionalismos. Nem mesmo os melhores profissionais podem dizer que nunca cometeram erros de significado ou algum tipo de erro de interpretação. Existem muitas razões que poderão justificar esses erros (interpretações com influência etimológica, a polissemia, os “falsos amigos”, a interferência de outras línguas, os homónimos, a tradução dos trocadilhos, a falta de atenção, as metáforas, os sinónimos, entre outros). Apesar dessa multiplicidade, a maioria deriva, em última análise, da nossa confiança na existência autónoma das palavras e na crença instintiva de que a cada palavra de uma língua forçosamente corresponde a outra numa outra língua qualquer. Essa ilusão está bem presente quando recorrermos constantemente aos dicionários onde, por motivos de organização, as palavras se encontram por ordem alfabética, fora do contexto e seguidos de definição. Como dissemos, a palavra tem significado apenas dentro da frase e o seu significado está sujeito aos restantes elementos que entram na composição desta. Ainda que duas palavras de duas línguas sejam definidas de maneira igual, os enunciados de que elas podem fazer parte não são os mesmos, nem as conotações que invocam serão iguais.

2.6 O ESTUDO

O intuito do presente estudo é a análise de uma tradução publicada, mais especificamente uma obra literária. Assim, tentamos neste estudo seguir ou identificar e analisar os procedimentos da tradutora, de modo a procurar perceber as suas opções de tradução, e efetuando os comentários necessários acerca das mesmas sempre no sentido de evidenciar a autenticidade tal como a entendemos.

Porém, é importante ter em consideração que a autenticidade terá de ser vista como uma escolha do tradutor e que ela representa no essencial aquilo que na LC é a escolha correta do que tem maior probabilidade de acontecer, por um lado, e, por outro não é considerado autenticidade aquilo que constitui uma inevitabilidade da transposição de um sistema linguístico para outro, ou seja, aquilo que não é possível traduzir de outra maneira e que, como tal, não constitui uma escolha.

O excerto da obra que irei apresentar de seguida, será o nosso contributo para a clarificação empírica sobre o que entendemos como uma tradução autêntica, no sentido em que respeita, não só o original, como também a torna uma leitura fluida e verdadeira para quem lê.

Pretende ser um estudo, tanto quanto possível exaustivo e uma amostra do que poderá ser uma análise de uma tradução literária, baseada, porém, apenas nos parâmetros expostos inicialmente, a nível semântico, sintático e lexical. A razão pela qual escolhemos estes três vetores de análise deve-se ao facto de eles serem os recursos que melhor ilustram o que pretendemos defender aqui – o que promove a autenticidade como produção a partir do original e não apenas como reprodução.

Este estudo de caso está associado aos *form-focused texts* defendidos por Reiss, isto é, quando usamos os recursos mencionados para análise, temos em consideração que se trata deste tipo de texto, onde existe uma dimensão estética, pelo facto de se tratar de uma obra literária.

Assim, no próximo capítulo, apresentaremos o autor e a obra. Após o que iremos analisar um capítulo do livro *The Pickwick Papers* (2003) de Charles Dickens, ou mais concretamente, faremos a análise contrastiva entre o original e a tradução portuguesa em *Os Cadernos de Pickwick* (2012).

CAPÍTULO III - A AUTENTICIDADE EM TRADUÇÃO LITERÁRIA: UM ESTUDO DE CASO

A razão pela qual escolhemos este capítulo prende-se com o facto de o mesmo ser um bom exemplo de autenticidade, isto é, demonstra a conjugação dos diferentes tipos de análise que nos propusemos efetuar neste estudo, ou seja, a nível lexical, semântico e sintático. As opções da tradutora em *Os Cadernos de Pickwick* são, por isso, recursos que nos permitem confirmar como se chega à autenticidade numa tradução como iremos verificar ao longo do estudo de caso através da comparação com o texto de origem.

Ao longo deste estudo faremos a análise do texto de chegada para aferir até que ponto os recursos lexical, semântico e sintático identificados no original se verificam na sua tradução de forma autêntica.

O objetivo deste capítulo é, assim, analisar as soluções oferecidas na tradução que tornam o texto autêntico de acordo com os parâmetros mencionados no parágrafo anterior. Serão maioritariamente mencionados aqueles exemplos que consideramos mais representativos e que ilustram bem o que pretendemos defender.

De seguida, e a partir do conhecimento que adquirimos sobre o mesmo na *Collier's Encyclopedia* (1989:185-190), elaborámos este texto de apresentação do autor no que concerne aos momentos mais marcantes da sua biografia e, de seguida, faremos uma apresentação do que de fundamental há a dizer sobre a obra em análise e para cuja elaboração recorreremos às ideias expressas na introdução á obra em *The Pickwick Paper's* (2003: 11-27).

3.1 O AUTOR

3.1.1 OS PRIMEIROS ANOS

Charles John Huffam Dickens nasceu em 7 de fevereiro de 1812 em Portsmouth, na Inglaterra. O seu pai era um funcionário da Marinha e estava temporariamente em serviço no distrito. Pouco depois do seu nascimento, a família mudou-se para Norfolk Street, Bloomsbury, tinha ele quatro anos. Aqui passou os seus anos de

formação até à idade de 11 anos. Os seus primeiros anos parecem ter sido idílicos, embora ele se considerasse uma criança muito pequena e pouco mimada.

Charles Dickens passava o tempo ao ar livre, mas também a ler vorazmente, especialmente romances de Tobias Smollett e Henry Fielding . Ele manteve as memórias tristes da infância, ajudado por uma memória quase fotográfica de pessoas e eventos que ele usou na sua escrita. O breve período em que o seu pai trabalhou na Marinha permitiu-lhe alguns anos de ensino privado.

Este período chegou a um fim abrupto quando, por causa de dificuldades financeiras, a família Dickens passou de Kent para Camden Town , em Londres, em 1822. Propensos a viver para além das suas posses, John Dickens foi preso em Londres em 1824. Pouco tempo depois, a sua esposa e as crianças mais novas juntaram-se a ele na prisão, como era a prática na época. Charles Dickens, então com 12 anos de idade, embarcou com Elizabeth Roylance a quem mais tarde imortalizou com algumas alterações e enfeites como "Sra. Pipchin", em *Dombey and Son*.

Para ajudar a sua família, Dickens foi forçado a abandonar a escola e trabalhar dez horas por dia em Warren Blacking Warehouse. As condições de trabalho extenuantes, e muitas vezes cruéis, deixaram uma impressão duradoura em Dickens, o que veio mais tarde a influenciar a sua ficção e ensaios, tornando-se a base do seu interesse pela reforma das condições socioeconómicas e de trabalho, as exigências que ele acreditava serem injustamente suportadas pelos pobres.

Depois de alguns meses a trabalhar, a avó paterna de John Dickens, Elizabeth Dickens, morreu e legou-lhe a quantia de £ 450. Na expectativa desse legado, foi concedida a Dickens a libertação da prisão.

A insatisfação em relação ao trabalho na fábrica, decorrente da sua própria situação e as condições em que os operários viviam, tornou-se num dos temas principais das suas obras, e foi este período infeliz da sua juventude a que aludiu no seu favorito, e mais autobiográfico romance, *David Copperfield*.

Dickens trabalhou depois num escritório de advocacia. Este emprego poder-lhe-ia valer mais tarde a posição de advogado. Dickens, porém, não gostou do trabalho nos tribunais.

Em 1830, Dickens conheceu o seu primeiro amor, Maria Beadnell, que teria sido o modelo para a personagem Dora em *David Copperfield*. Os pais de Maria desaprovaram o namoro e terminaram o relacionamento mandando-a para uma escola em Paris.

3.1.1.2 O JORNALISMO E OS PRIMEIROS ROMANCES

Em 1832, aos 20 anos, Dickens era enérgico, cheio de bom humor e gostava de entretenimento, não tinha uma noção clara do que queria ser, mas sabia que queria ser famoso. Ele foi atraído para o teatro e conseguiu uma audição para atuar em *Covent Garden*, para a qual ele se preparou meticulosamente, mas que não concretizou por causa de uma gripe terminando, assim, as suas aspirações de uma carreira no palco. Um ano depois, ele apresentou a sua primeira história, *A Dinner at Poplar Walk* para o jornal de Londres. Tornou-se um jornalista político, informando sobre o debate parlamentar e viajando pela Grã-Bretanha para cobrir campanhas eleitorais para o *Morning Chronicle*. O seu jornalismo, na forma de esboços em periódicos, formou a sua primeira coleção de peças de *Esboços de Boz-Boz* que era a alcunha do seu irmão mais novo. Ele trabalhou com este pseudónimo durante alguns anos.

3.2 A FAMA

Em 1836, quando terminou *The Pickwick Papers*, começou a escrever *Oliver Twist* - escrevendo 90 páginas por mês. *Oliver Twist*, publicado em 1838, tornou-se uma das histórias mais conhecidas de Dickens e, mais importante, foi o primeiro romance vitoriano com uma criança como protagonista.

Em 2 de abril de 1836, depois de um ano durante o qual ele escreveu *The Pickwick Papers*, casou-se com Catherine Hogarth Thomson, filha de George

Hogarth, editor do *Evening Chronicle*. O primeiro de dez filhos, Charley, nasceu em janeiro de 1837, e alguns meses mais tarde, a família estabeleceu-se em Bloomsbury. O irmão mais novo Frederick e a irmã Maria Catherine foram morar com eles. Dickens tornou-se muito ligado a Maria e ela morreu nos seus braços após uma breve doença, em 1837. A tristeza era tão grande que ele foi incapaz de cumprir o prazo para a prestação de junho de *The Pickwick Papers*. Porém, o seu êxito como romancista continuou.

3.2.1 A PRIMEIRA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

Em 1842, Dickens e a sua esposa fazem a sua primeira viagem para os Estados Unidos e Canadá. Descreveu as suas impressões num diário de viagem, *American Notes*. Alguns dos episódios em *Martin Chuzzlewit* também contam estas experiências em primeira mão. Dickens inclui nas notas uma poderosa condenação da escravatura. Durante a sua visita, Dickens passou um mês em Nova Iorque, dando palestras e levantando a questão de leis, de direitos autorais internacionais e dos plágios da sua obra nos Estados Unidos. Ele convenceu vinte e cinco escritores, encabeçados por *Washington Irving* a assinar uma petição para levar para o Congresso, mas a imprensa foi, em geral, hostil a esta dizendo que ele deveria estar grato pela sua popularidade e que era um mercenário para reclamar sobre os plágios do seu trabalho.

Depois de viver brevemente em Itália (1844) Dickens viajou para a Suíça (1846), foi aqui que ele começou a trabalhar em *Dombey and Son* (1846-1848). Esta obra e *David Copperfield* (1849-1850) marcam uma ruptura artística significativa na carreira de Dickens com os seus romances a tornaram-se mais sérios no tema e mais cuidadosamente planeados do que os seus primeiros trabalhos.

3.4 A MEIA-IDADE

No final de novembro de 1851 Dickens escreveu *Bleak House* (1852-1853), *Hard Times* (1854) e *Little Dorrit* (1856).

Em 1857 Dickens apaixonou-se por uma atriz, Ellen Ternan, cuja paixão iria durar para o resto da sua vida. Dickens tinha 45 anos e Ternan 18 anos quando ele tomou a decisão, que foi fortemente contra a convenção vitoriana, de se separar da sua esposa, Catherine, em 1858, o divórcio ainda era impensável para alguém tão famoso como ele era. Quando Catherine o deixou, para nunca mais ver o marido novamente, ela levou com ela um filho, deixando as outras crianças para serem criados pela sua irmã Georgina.

Após a separação de Catherine, Dickens empreendeu uma série de leituras públicas que eram imensamente populares e lucrativas e que, juntamente com o seu jornalismo, absorveram a maior parte de suas energias criativas durante a década seguinte. A sua primeira turnê de leitura, entre abril 1858 a fevereiro de 1859, consistiu em 129 apresentações em 49 cidades diferentes em toda a Inglaterra, Escócia e Irlanda.

3.5 OS ÚLTIMOS ANOS

Em 9 de junho de 1865, ao voltar de Paris, Dickens foi envolvido num acidente ferroviário em Staplehurst . As sete primeiras carruagens do comboio caíram de uma ponte que estava em reparação. A única que permaneceu na linha foi aquela em que viajava Dickens. Antes de os socorristas chegarem, Dickens cuidou e confortou os feridos e moribundos com uma garrafa de conhaque e um chapéu refrescado com água e salvou algumas vidas. Antes de sair, ele lembrou-se do manuscrito inacabado de *Our Mutual Friend* e voltou para a sua carruagem para recuperá-lo. Dickens usou mais tarde esta experiência como material para sua curta história de fantasmas. Dickens conseguiu evitar uma aparição no inquérito para evitar a divulgação de que ele tinha viajado com Ternan e sua mãe o que teria causado um escândalo. Embora fisicamente ileso, Dickens nunca se recuperou do trauma do acidente de Staplehurst e a sua escrita refletiu isso.

3.5.1 A SEGUNDA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

Em 9 de novembro 1867, Dickens partiu de Liverpool para a sua segunda turnê Americana de leitura. Desembarcou em Boston e dedicou o resto do mês a uma

ronda de jantares com notáveis. No início de dezembro, as leituras começaram, ele realizou 76 leituras. Apesar de ter começado a sofrer com o que ele chamou de "verdadeiro catarro americano", ele continuou com uma programação que teria desafiado um homem muito mais jovem. Dois meses antes ele sofreu um acidente vascular cerebral leve.

3.5.2 AS LEITURAS DE DESPEDIDA

Entre 1868 e 1869, Dickens fez uma série de "leituras" de despedida, na Inglaterra, Escócia e Irlanda, com início a 6 de Outubro. Ele conseguiu 100 leituras, 75 nas províncias, com mais de 12 em Londres. Com toda esta pressão, ele foi afetado por vertigens e acessos de paralisia e caiu em 22 de abril 1869, em Preston em Lancashire e, por indicação do médico, a turné foi cancelada. Mais leituras provinciais foram canceladas e ele começou a trabalhar no seu último romance *The Mystery of Edwin Drood*.

Quando tinha recuperado a força suficiente, com aprovação médica, para uma série final de leituras, pelo menos parcialmente, para compensar os seus patrocinadores que tinham perdido devido à sua doença. Foram 12 *performances*, que tiveram lugar entre 11 de janeiro e 15 de março de 1870, a última a ter lugar às 8:00 horas, no St. Hall de James, em Londres. Em 2 de maio, ele fez a sua última aparição pública na presença do Príncipe e da Princesa de Gales.

3.5.3 A MORTE

A 8 de junho de 1870, Dickens sofreu outro acidente vascular cerebral na sua casa. Ele nunca recuperou a consciência e, no dia seguinte, a 9 de junho, cinco anos e um dia depois do acidente ferroviário em Staplehurst, ele morreu em Gad Hill Place. Ao contrário do seu desejo de ser enterrado na Catedral de Rochester "de uma maneira barata, sem ostentação e estritamente privada" ele foi sepultado no "Canto dos Poetas" na Abadia de Westminster. Um epitáfio impresso circulou no momento do funeral onde se lê: "À memória de Charles Dickens (autor mais popular da Inglaterra), que morreu na sua residência, Higham, perto de Rochester, Kent, 09 junho de 1870, com idade de 58 anos ele

era um apoiante dos pobres, dos sofredores e dos oprimidos, e com a sua morte, um dos maiores escritores da Inglaterra desapareceria para o mundo".

3.6 A OBRA EM ANÁLISE

De seguida iremos apresentar os pontos principais da obra cujo capítulo serve de base à análise que iremos apresentar de seguida retirado do livro *The Posthumous Papers of the Pickwick Club* (comumente conhecido como *The Pickwick Papers*) escrito por Charles Dickens em 1836 e cuja versão portuguesa que aqui apresentamos se intitula *Os Cadernos de Pickwick*. Assim, a obra foi escrita para publicação em fascículos, *The Pickwick Papers* é uma sequência de aventuras vagamente relacionadas. A personagem principal do romance, Samuel Pickwick, é um velho rico e cavalheiro presidente e fundador do *Clube Pickwick*. Para alargar as suas pesquisas em fenómenos curiosos da vida, ele sugere que ele e outros três Pickwickianos (Sr. Nathaniel Winkle, o Sr. Augustus Snodgrass, e o Sr. Tracy Tupman) façam viagens a lugares remotos de Londres e relatem as suas descobertas aos outros membros do clube. As suas viagens pelo interior do país fornecem o tema principal do romance.

O seu principal valor literário é formado pelas suas inúmeras personagens memoráveis. Cada personagem em *The Pickwick Papers* é desenhada comicamente, muitas vezes com personalidades exageradas. Alfred Jingle, que se junta ao elenco no capítulo dois, proporciona uma aura de vilania cómica. Os seus truques desonestos colocam repetidamente os Pickwickianos em apuros. Estes incluem a tentativa de Jingle que quase foi bem-sucedida de fuga com a solteirona Rachael Wardle da mansão Dingley Dell, as desventuras com o Dr. Slammer, entre outros.

Há um tom humorístico geral, por vezes brevemente substituído pela sátira social cortante (incluindo contra o sistema jurídico), o livro apresenta também uma forte crítica social através da estereotipia das suas personagens.

Além disso, há uma crítica ao espírito científico da época. As personagens principais, embora abertas aos procedimentos racionais da ciência,

demonstravam grande inabilidade para situações que exigiam exequibilidade e que alicerçam a maior parte dos episódios cômicos do livro.

A versão Inglesa utilizada neste estudo – texto de partida – consiste num romance reeditado em 2003 pela Penguin. Este romance foi publicado pela primeira vez em fascículos entre 1836-1837 sob o pseudónimo de Boz e em forma de livro em 1837. A versão objeto do nosso estudo baseia-se nessa primeira edição. Esta primeira obra de ficção de Dickens constituiu originalmente uma série de legendas para a obra do caricaturista Robert Seymour. Porém, a forma espirituosa com que são descritos os acontecimentos do bondoso e ingénuo Samuel Pickwick e seus amigos no *Pickwick Club* foram imediatamente bem-sucedidos o que fez de Dickens uma sensação literária. Esta versão, com a introdução e notas de Mark Wormald, permite-nos a clarificação quer do contexto no qual a obra se insere, quer da obra em si e do objetivo do autor:

Much more importante was what he now annouced as ‘the author’s object’: to place before the reader a constant succession of characters and incidentes; to paint them in vivid colours as he could command; and to render them, at the same time, life-like and amusing’. (2003-15)

Ao longo da obra o envolvimento do Sr. Pickwick em diversos episódios é predominantemente cômico. O Estilo de Dickens é diferente da forma de escrita moderna, isto é, nesta os autores expõem opiniões, ele cria personagens diferentes.

Assim, e sucintamente, a obra descreve a criação inicial do *Pickwick Club* dirigido por Samuel Pickwick que decide estabelecer uma sociedade em que quatro membros viajam pela Inglaterra fazendo relatos das suas viagens. Os quatro membros são o Sr. Pickwick, um empresário reformado amável e filósofo cujos pensamentos sobre a realidade vão sendo apresentados; Tracy Tupman, um mulherengo que nunca faz uma conquista; Augustus Snodgrass, um poeta que nunca escreveu um poema, e Nathaniel Winkle, um atleta de enorme inépcia.

Relativamente à versão portuguesa utilizada neste estudo – texto de chegada – consiste numa tradução de Maria Vale de Gato com prefácio de Ricardo Araújo Pereira publicada pelas edições Tinta da China e constitui a segunda tradução da

obra feita em Portugal, tendo a primeira sido levada a cabo por Henrique Lopes de Mendonça em 1898.

Para o presente trabalho escolhemos a tradução publicada mais recentemente, uma vez que, e como a própria tradutora afirma na nota textual e de tradução “ [...] a versão de Lopes Mendonça (...) está algo desatualizada e parceria em certos trechos menos compreensível ao leitor de hoje, [...]” (2003:17) detalhe que justifica a nossa escolha face ao objetivo do nosso estudo no sentido da adequação da tradução, com autenticidade, em termos lexicais, semânticos e sintáticos à Língua de Chegada tal como ela se fala na atualidade, ou seja, para um leitor contemporâneo.

Esta versão é ainda prolixa em exemplos de comédia, por exemplo no léxico, na sintaxe e mesmo semanticamente, para os quais a tradutora consegue, através da utilização de equivalentes em português, dar a mesma forma e significado.

A razão por que escolhemos esta obra prende-se com o facto de, para além de ser um clássico da literatura mundial, a versão portuguesa ser um bom exemplo de uma tradução feita com autenticidade. Como verificámos a existência dessa autenticidade? Sobretudo no facto de a tradutora conseguir desencadear no leitor os mesmos efeitos gerados no leitor do original recorrendo a recursos de carácter lexical, com expressões cujo registo de língua – umas vezes cuidado, outras familiar é semelhante em português pelas equivalências encontradas. O mesmo acontece em termos semânticos e sintáticos – recursos em análise no nosso estudo.

Por outro lado, quando lemos esta obra e comparámos com a tradução vimo-la como um desafio para qualquer tradutor e, face ao exposto anteriormente, considerámos que seria importante dissecar os meandros da sua tradução numa tentativa de, por este meio, podermos encontrar formas de reflexão sobre a tradução literária em geral e, sobre esta obra em particular.

De seguida levaremos a cabo o nosso estudo de caso. Considerámos que ao analisar esta tradução, a forma mais fácil poderia ser o de tentar encontrar erros e ajuizar somente com base neste pressuposto. Contudo, chegámos à conclusão

que tal procedimento não era efetivamente o objetivo do nosso estudo, uma vez que esta análise contrastiva pretende apenas demonstrar e não corrigir, uma vez que consideramos este trabalho um bom exemplo de autenticidade em tradução. Assim, iremos de seguida apresentar contrastivamente o capítulo I do livro apresentado (na versão inglesa e portuguesa) e a respetiva tradução.

Optámos por apresentar contrastivamente os diversos excertos da obra, numerando os exemplos encontrados e analisando, posteriormente, a sua pertinência para o nosso estudo como recursos que promovem a autenticidade e porquê. Após o que recorreremos a tabelas para determinar quantitativamente o recurso que mais se destaca na promoção da autenticidade.

Não consideraremos na nossa análise diferenças no original e tradução que sejam inevitabilidades da transposição de um sistema linguístico para outro, como, por exemplo, alterações sintáticas que sejam específicas do nosso sistema linguístico, alterações lexicais que sejam gramaticalmente necessárias na língua portuguesa ou mesmo alterações semânticas devido à inexistência na língua portuguesa. Neste conjunto de situações não se trata de escolhas do tradutor de equivalências promotoras de autenticidade, mas tão-somente de características específicas dos sistemas linguísticos envolvidos.

3.7. ANÁLISE CONTRASTIVA DO CAPÍTULO I

3.7.1. FRAGMENTO 1

CHAPTER I

The Pickwickians

The first ray of light which illumines the gloom¹, and converts² into a dazzling brilliancy that obscurity³ in which the earlier history of the public career of the immortal Pickwick would appear to be involved⁴, is derived⁵ from the perusal of the following entry⁶ in the Transactions⁷ of the Pickwick Club, which the editor of these papers feels the highest pleasure in laying before his readers⁸, as a proof⁹ of the careful attention, indefatigable assiduity¹⁰, and nice discrimination¹¹, with which his search among the multifarious documents confided to him has been conducted. ¹² (p.15)

CAPÍTULO I

Os Pickwickianos

O primeiro raio de luz que ilumina as trevas¹, convertendo² num brilho ofuscante a obscuridade³ a que parecia votada a história remota da carreira pública⁴ do imortal Pickwick, deriva⁵ da consulta do seguinte assento⁶ do Livro de Actas⁷ do Clube Pickwick, cuja exposição aos olhos do leitor é do maior agrado do editor destes documentos⁸, enquanto testemunho⁹ da cuidada atenção, da infatigável diligência¹⁰ e do criterioso discernimento¹¹ com que conduziu a sua investigação por entre os variadíssimos papéis que lhe foram confiados. ¹² (p. 33)

No exemplo 1, em termos semânticos, o termo “trevas” para *gloom* é uma opção que mantém um registo mais formal e literário em português em consonância com o original e, dando simultaneamente, o mesmo registo autenticidade à tradução. A tradutora poderia ter optado por termos como “escuridão”, por exemplo, porém este não seria tão literário no sentido que a seguir explicamos, nem tão autêntico para uma tradução literária (ou seja de ficção). Na tradução literária os termos são, muitas vezes, escolhidos de forma a criar um efeito estético para quem lê o que não acontece com a tradução não-literária, ou seja, de não-ficção (textos comerciais, jornalísticos, técnicos e científicos) onde apenas se dão correspondências lexicais diretas.

No exemplo 2, também em termos semânticos, a mudança do tempo verbal do *present simple* em inglês para o gerúndio em português, não alterando o sentido e omitindo a copulativa, confere realismo à descrição e permite ser mais autêntico em português e isto porque o gerúndio narrativo é a forma mais autêntica de traduzir em literatura e bastante usual na língua portuguesa. Não seria tão correto, do ponto de vista da autenticidade, a utilização do presente do indicativo “converte”, uma vez que este não seria descritivo como este género literário (narração) requiere em língua portuguesa.

No exemplo 3, a expressão *that obscurity* traduzida por “a obscuridade” em que o demonstrativo *that* foi substituído por “a”- dá uma maior precisão na nomeação do substantivo “obscuridade”, explicitando e clarificando até melhor que o original a ideia do substantivo em português. Se a tradutora tivesse optado por “aquela obscuridade”, dava a ideia, na LC de algo já mencionado e não algo que vai acontecer.

No exemplo 4, existem vários aspetos na tradução que contribuem para a autenticidade, são eles a forma verbal do condicional no original que tem, portanto, um significado hipotético e é traduzido, em português, com um pretérito imperfeito, uma vez que este é utilizado para explicitar uma premissa que, cremos, ser a mesma ideia do original. A tradução pelo condicional não é a forma mais usual de expressão em língua portuguesa, pois temos mais tendência para a utilização do imperfeito do que do condicional.

Em termos semânticos, a tradutora optou por utilizar na tradução de *involved* o termo “votada”, o qual capta em português o significado do original até pelo facto de, face à inversão sintática, este termo completar melhor o significado na língua portuguesa do que a expressão “pareceria envolvida”, uma vez que estamos a descrever uma situação e o pretérito imperfeito é o tempo verbal mais adequado para esse efeito em português. Por outro lado, a expressão “votada” dá-nos já a noção de que algo irá acontecer criando a expectativa para o que vem a seguir, de resto um dos objetivos deste enredo no original, isto é, despertar no leitor a curiosidade.

No exemplo 5, a escolha de um presente do indicativo, em vez de uma passiva em Inglês transmite, a nível lexical, melhor a ideia do original, em português, do

que a tradução literal “é derivada”, assim a expressão “deriva” introduz objetivamente o complemento direto que se segue.

No exemplo 6, e a nível semântico, *entry* por “assento”, termo jurídico em português, traduz melhor do que a palavra “entrada”, embora esta fosse possível, mas aqui traduz com autenticidade juridicamente, uma vez que estamos a falar de um livro de atas.

No exemplo 7, também em termos semânticos, “Livro de Actas” é uma tradução adequada, uma vez que se recorrermos à definição do dicionário Oxford *on line*: *published reports of proceedings at the meetings of a learned society* o equivalente português será “Livro de Actas” para este tipo de registo. Se a tradutora tivesse optado apenas pela palavra “registos” ou “Livro de Registos” tal não seria tão correto, uma vez que a expressão mais específica para este contexto é a apresentada.

No exemplo 8, e a nível sintático, a ideia do original liga as atas à sua exposição e remete o editor para o complemento. Se a tradutora tivesse optado por “cujo editor destes documentos sente o maior agrado em expor aos olhos dos leitores” perder-se-ia linguisticamente na LC a ideia central e que é a “exposição aos olhos do leitor” que passa para sujeito em português enfatizando-a e clarificando o significado do original.

No exemplo 9 a palavra *proof* por “testemunho” em português confere a ideia de “prova” em inglês, conferindo maior autenticidade, no sentido em que “prova” poderia aplicar-se no significado comum e “testemunho” para o significado, embora figurado, de investigação, que é objetivo deste clube, é um termo mais específico para este tipo de contexto.

No exemplo 10, a escolha de “diligência” para *assiduity*, transmite ao leitor a ideia precisa do original, uma vez que estamos a falar do zelo nas missões que foram levadas a cabo. Neste contexto se a tradutora tivesse optado por “assiduidade” (tradução mais vulgar para este termo), não daria o significado mais correto para o que está a ser descrito na LP.

No exemplo 11, a expressão *nice discrimination* traduzida por “criterioso discernimento”, embora não transmita, em termos semânticos, uma tradução literal (“discriminação boa”) transmite, na língua portuguesa, o significado do original face ao contexto apresentado e que tem a ver com um julgamento.

No exemplo 12, embora em Inglês esta construção sintática faça sentido do ponto de vista gramatical, tal ordem frásica não seria autêntica em Português. Pelo que o remeter do verbo para o fim da frase é a sintaxe mais correta em português e a que dá à frase a autenticidade na língua de chegada.

3.7.2. FRAGMENTO 2

'May 12, 1827. Joseph Smiggers, Esq^①., P.V.P.M.P.C [Perpetual Vice-President—Member Pickwick Club], presiding. The following resolutions unanimously agreed to:—

"That this Association has heard-read^②, with feelings of unmingled satisfaction, and unqualified approval^③, the paper communicated^④ by Samuel Pickwick, Esq., G.C.M.P.C. [General Chairman—Member Pickwick Club], entitled "Speculations on the Source of the Hampstead Ponds, with some Observations on the Theory of Tittlebats;" and that this Association does hereby return its warmest thanks^⑤ to the said Samuel Pickwick, Esq., G.C.M.P.C., for the same. (p.15)

«12 de Maio de 1827. Exmo. Sr. ^① Joseph Smiggers, V.P.V.S.C.P.* Foram aprovadas por unanimidade as seguintes resoluções. >> Que esta Associação assistiu a leitura^②, com sentimentos de vivo aplauso e a mais pura satisfação^③, da comunicação professa^④ pelo Exmo.Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P.** “Considerações acerca da origem das Lagoas de Hampstead, acompanhadas de algumas observações sobre a Teoria dos Girinos”, e que esta Associação vem por este meio expressar os mais efusivos agradecimentos^⑤ ao dito Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., pela apresentação da mesma (p.33)

No exemplo 1, *Esq.* cuja tradução literal seria “escudeiro” é traduzido, em termos semânticos, pelo que traduz de forma mais autêntica, ou seja, “Exmo. Sr.” Foi, assim, naturalmente traduzido pelo que equivale na nossa língua, embora respeitando o título inglês, em termos de tratamento formal, o mesmo não aconteceria se a tradução seguida fosse “escudeiro”, uma vez que não seria identificado como um termo familiar para a língua portuguesa e seria, assim, considerada uma “estrangeirização”.

* Vice-Presidente Vitalício – Sócio do Clube Pickwick. ** Presidente da Direcção – Sócio do Clube

No exemplo 2, a expressão *has heard read* é uma expressão cuja tradução mantém, em termos semânticos, o significado do original. A tradutora poderia ter optado por traduzir de forma literal a forma verbal *has heard* com “tem ouvido ler”, mas, e uma vez que em termos gramaticais essa possibilidade existe, ou seja, a tradução do presente perfect por um pretérito perfeito “Assistiu à leitura” é mais correto primeiro porque estamos a falar da descrição de uma situação passada e, em segundo lugar, a tradução de *heard* por “ouviu” faz mais sentido neste contexto.

No exemplo 3, a escolha lexical é muito adequada, não só em termos semânticos, mas também no que diz respeito à forma, isto é, a tradutora respeitou o registo de origem sem que para tal fosse necessário defraudar o significado do original. Assim, a tradução de *with feelings of unmingled satisfaction, and unqualified approval* por “com sentimentos de vivo aplauso e a mais pura satisfação” poderia ser traduzido literalmente como “satisfação afetuosa” ou “aprovação inqualificável” mas não ficava tão próximo do significado original.

A escolha de termos no exemplo 4, com a expressão *paper communicated* por “comunicação professa” é, do ponto de vista semântico correta, uma vez que transmite, não só o significado do original, mas também o contexto que lhe está associado. Tal não aconteceria se a tradutora tivesse traduzido literalmente por “trabalho comunicado”, uma vez que seria menos preciso.

No exemplo 5, *return its warmest thanks* traduzido por “expressar os mais efusivos agradecimentos” demonstra que a alteração do léxico não é, de forma alguma, um elemento perturbador do significado do original, mas, e acima de tudo, um clarificador de significado. Se a tradutora tivesse optado pela tradução literal de *warmest thanks* por “calorosos agradecimentos” não daria de forma tão acentuada o significado do original.

3.7.3. FRAGMENTO 3

That while this Association is deeply sensible ❶ of the advantages which must accrue to the cause of science, from the production to which they have just adverted—no less than ❷ from the unwearied researches of Samuel Pickwick, Esq., G.C.M.P.C., in Hornsey, Highgate, Brixton, and Camberwell—they cannot but entertain a lively sense ❸ of the inestimable benefits which must inevitably result ❹ from carrying the speculations of that learned man ❺ into a wider field, from extending his travels, and, consequently, enlarging his sphere of observation, to the ❻ advancement of knowledge, and the diffusion of learning. (p.15)

Que, achando-se esta Associação profundamente ciente ❶ das vantagens aduzidas à causa científica pelo trabalho sobre que acaba de se debruçar, bem como ❷ das incansáveis pesquisas do Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P, em Hornsey, Highgate, Brixton e Camberwell, não pode deixar de acalentar uma forte impressão ❸ dos benefícios inestimáveis que decerto resultariam ❹ de se estenderem as considerações deste homem de ciência ❺ a um campo mais vasto, por uma maior abrangência das suas viagens que consequentemente viesse a alargar a sua esfera de observação, tendo por fito ❻ o progresso do conhecimento e a difusão da ciência. (p.33)

No exemplo 1, observamos que a tradução mantém o significado, mas cria uma frase que, embora não utilizando o mesmo léxico, reproduz a ideia do original, a expressão “ciente” por “sensible” que traduz cabalmente a mesma. O termo permitia muitas traduções como “ajuizada”, “prudente”, “sensata”, mas nenhuma delas cria na língua portuguesa uma forma tão natural de adaptação ao contexto.

No exemplo 2, *no less than* é traduzido por “bem como” a tradução não é de facto literal, uma vez que literalmente seria traduzida por “tanto como”, mas obedece àquilo que é a fraseologia mais corrente na língua de chegada atribuindo-lhe assim um significado mais correto.

No exemplo 3, *lively sense* por “forte impressão”, esta escolha lexical está correta como tradução autêntica. A tradutora optou pelo adjetivo “forte”

correspondendo, desta forma, ao que é a forma gramatical portuguesa, isto é, um adjetivo que qualifica um nome, neste caso *sense*. Se a tradutora optasse pela tradução literal, a expressão ficaria sem sentido em português e teria que acrescentar elementos à expressão para que a mesma fizesse sentido, como por exemplo, “o que marcou fortemente uma impressão”.

No exemplo 4, neste caso a tradutora ao optar por traduzir *must inevitably result* por “decerto resultariam” fê-lo corretamente com a utilização do condicional, pois teve em consideração o contexto hipotético, dependente de variáveis futuras e meramente especulativo que se segue. Se a tradução se limitasse à tradução literal com “devem inevitavelmente resultar” perder-se-ia o significado do original.

No exemplo 5, *learned man* como “homem de ciência”, é uma opção semântica acertada e que transmite o significado do original de forma autêntica, o mesmo não aconteceria se a tradutora tivesse optado por traduzir de forma mais literal com “homem de conhecimentos”, uma vez que este clube pretende ter um caráter científico.

No exemplo 6, “tendo por fito” onde em inglês apenas está a preposição *to* poderia ser traduzido por “para”, mas não emprestaria ao texto de chegada a literariedade do original, no sentido de uma escolha lexical mais formal.

3.7.4. FRAGMENTO 4

'That, with the view just mentioned ❶, this Association has taken into its serious consideration ❷ a proposal, emanating ❸ from the aforesaid, Samuel Pickwick, Esq., G.C.M.P.C., and three other ❹ Pickwickians hereinafter named, for forming a new branch of United Pickwickians, under the title of The Corresponding Society of the Pickwick Club.

'That the said proposal ❺ has received the sanction ❻ and approval of this Association. 'That the Corresponding Society of the Pickwick Club is therefore hereby constituted ❼; and that Samuel Pickwick, Esq., G.C.M.P.C., Tracy Tupman, Esq., M.P.C., Augustus Snodgrass, Esq., M.P.C., and Nathaniel Winkle, Esq., M.P.C., are hereby nominated and appointed members of the same; and that they be requested to forward, from time to time, authenticated accounts of their journeys and investigations, of their observations of character and manners, and of the whole of their adventures, together with all tales and papers to which local scenery or associations may give rise ❽ to the Pickwick Club, stationed in London. (p. 15-16)

» Que, dado o parecer agora exposto ❶, esta Associação considerou muito atentamente ❷ uma proposta, apresentada ❸ pelo supramencionado Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., e por outros três ❹ pickwickianos abaixo designados, para formarem uma nova divisão dos pickwickianos Unidos, denominada Sociedade Correspondente Clube Pickwick.» Que a referida proposta ❺ foi deferida ❻ e aprovada por esta Associação.

» Que posto isto se constitui aqui a Sociedade Correspondente do Clube Pickwick ❼, e que o Exmo. Sr. Samuel Pickwick, P.D.S.C.P., o Exmo. Sr. Tracy Tumpman, S.C.P., o Exmo. Sr. Augustus Snodgrass, S.C.P., e o Exmo. Sr. Nathaniel Winkle, S.C.P., são pela presente eleitos e nomeados membros da mesma: e que se lhes solicita o envio, de tempos a tempos, de relatos autênticos das suas viagens e investigações; das suas observações de tipos e costumes; e do conjunto das suas aventuras, juntamente com todas as histórias e documentos que possam advir da paisagem e sociedade locais ❽, para o Clube Pickwick, sedado em Londres. (p. 34)

No exemplo 1, “dado o parecer agora exposto”, o “parecer” por *view* e o “agora exposto” por *just mentioned* são exemplos cuja tradução portuguesa, em termos semânticos, é a mais indicada para o contexto no qual se inserem pelo facto de, caso a tradutora optasse por traduzir *view* por “ponto de vista” ou “acabados de mencionar”, tais opções não criariam um discurso tão formal como é o caso neste excerto.

No exemplo 2, quando a tradutora opta em *has taken into its serious consideration* por “considerou muito atentamente” alterou a categoria gramatical de *consideration* (que passou de substantivo para verbo) e *serious* (que passou de adjetivo para advérbio). O tempo verbal *has taken* passou para um pretérito perfeito em português – a opção está correta e adaptada à gramática portuguesa, uma vez que o *present perfect* tem essa possibilidade de tradução em português e, se a tradutora optasse por uma tradução mais literal com “tem considerado” ou “tem tomado”, tal comprometeria a autenticidade da tradução. A tradução de “serious” por “muito atentamente” está correta do ponto de vista gramatical na LC, uma vez que, como advérbio, o mesmo irá caracterizar o verbo “considerou” o que não aconteceria se a tradutora optasse por traduzir literalmente por “considerou sério”.

No exemplo 3, “apresentada” por *emanating* é a forma mais correta face ao significado da frase, uma vez que estamos a falar de uma proposta e, como tal, faz todo o sentido falar em “apresentar” em português, na língua inglesa tal aceção é possível, ou seja emanar pode ter o significado de apresentar, em português não. Se a tradutora optasse por traduzir literalmente “proposta emanada”, tal opção não seria tão precisa no significado.

No exemplo 4, “por outros três” é uma tradução adequada de *and three other*, ou seja aquela que na LC melhor completa o significado da frase, uma vez que, se a tradutora optasse por uma tradução mais próxima do original “e três outros”, tal era possível, mas não criava em português uma frase tão correta, uma vez que em cima utiliza “pelo supramencionado” e aqui, pelo facto de continuar a fazer uma apresentação, a preposição “por” faz, mais uma vez, sentido.

No exemplo 5, na tradução de “referida proposta” por *said proposal* o termo “referida” adequa-se ao contexto jurídico em que se insere o original, uma vez que se trata de um termo com um registo mais formal e comum nos documentos jurídicos em português, o que não aconteceria se a tradutora optasse, por exemplo, por “a proposta falada” ou a “dita proposta”.

No exemplo 6, *has received the sanction* por “foi deferida” é a tradução mais correta. No que concerne ao tempo verbal este sofreu corretamente a mesma transformação operada no exemplo 2 e justifica-se da mesma forma. Por outro lado, uma vez que continuamos a falar na LP de um domínio jurídico, para o qual a tradutora fez corresponder em português o mesmo registo, tal não aconteceria se a mesma tivesse optado por traduzir literalmente por “confirmada” que seria um termo não técnico.

No exemplo 7, *That the Corresponding Society of the Pickwick Club is therefore hereby constituted* na tradução por “Que posto isto se constitui aqui a Sociedade Correspondente do Clube Pickwick” há autenticidade em português, o que não aconteceria se a tradutora tivesse mantido a sintaxe inglesa e os termos do original “Que a Correspondente Sociedade do Clube Pickwick é, portanto, conseqüentemente, constituída”.

Vejam, mais detalhadamente: há uma inversão sintática “que posto isto” equivalente para *therefore* que foi colocado como elemento que dá início à frase e que lhe atribui correção na construção da restante frase em português, o mesmo acontecendo quando a tradutora coloca “se constitui aqui” como equivalente para *hereby constituted*, embora o *hereby* possa ter outras formas de tradução, como, por exemplo “por esta via”, “como consequência deste documento”.

No exemplo 8, *to which local scenery or associations may give rise*, a tradutora poderia ter optado por uma tradução mais literal, no sentido de respeitar a ordem pela qual os conceitos vêm enunciados no original. No entanto, a tradutora optou por uma tradução que, embora respeitando integralmente o significado da língua de partida, respeita igualmente a sintaxe portuguesa e a concordância do plural dos nomes com o adjetivo que os caracteriza.

3.7.5. FRAGMENTO 5

'That this Association cordially¹ recognises the principle of every member of the Corresponding Society defraying his own travelling expenses; and that it sees no objection² whatever³ to the members of the said society pursuing their inquiries for any length of time they please, upon the same terms.

'That the members of the aforesaid Corresponding Society be, and are hereby informed, that their proposal to pay the postage of their letters, and the carriage of their parcels, has been deliberated upon by this Association: that this Association considers such proposal worthy of the great minds⁴ from which it emanated, and that it hereby signifies its perfect acquiescence therein⁵.' (p.16)

»Que esta Associação reconhece penhoradamente¹ o princípio de cada membro da Sociedade Correspondente custear as suas próprias despesas de viagem; e que não levanta objeções² de qualquer espécie³ a que os membros da dita sociedade persigam as suas investigações pelo tempo que desejarem, nos mesmos termos.

»Que os membros da dita Sociedade Correspondente sejam, como são, por este meio informados de que a proposta de pagarem os custos postais das suas cartas e o transporte das suas encomendas foi submetida a apreciação deste Clube. Que esta Associação considera tal proposta digna dos ilustres espíritos⁴ que a apresentaram e que pela presente lhe consagra a sua absoluta anuência⁵. (p. 34)

No exemplo 1, a tradutora optou por traduzir *cordially* por “penhoradamente”, embora a tradução literal fosse possível, o facto de na LP o tom do discurso ser muito enfático, a tradução literal por “cordialmente” não lhe criaria essa ênfase.

No exemplo 2, *it sees no objection* foi traduzido de forma equivalente em português por “não levanta objeções” é uma forma muito mais autêntica de expressão na LC, em termos semânticos, do que “não vê nenhuma objeção”, embora a sua tradução sob esta forma fosse possível.

No exemplo 3, *whatever* traduzido em português pelo seu equivalente semântico “de qualquer espécie” permite naturalmente a coesão com o que vem anteriormente “não levanta objeções” e com o que vem a seguir “a que os membros”. Existiam outras opções, a tradução por “não importa o quê”, por

exemplo, mas seria mais artificial para quem lê “não levanta objeções de, não importa o quê, a que os membros [...]”.

No exemplo 4, a opção, pela tradutora, da expressão “ilustres espíritos” por *great minds* respeita um dos parâmetros do que é uma tradução de caráter literário - respeitar o registo de língua que resulta de uma preocupação artística, como é caso aqui, tal não aconteceria se fosse traduzido, por exemplo, por “grandes mentes”.

No exemplo 5, e na tradução de *it hereby signifies its perfect acquiescence therein* por “pela presente lhe consagra a sua absoluta anuência” existem diversos recursos que promovem a autenticidade, são sobretudo recursos de caráter sintático e semântico. Os recursos de caráter sintático são o facto de a tradutora ter optado por colocar o pronome “lhe” antes do verbo “consagrar” o que não deturpa o significado do original, mas dá autenticidade à sintaxe portuguesa. Por outro lado, o facto de “pela presente” aparecer no início deste exemplo, permite uma absoluta fluência e coerência gramatical na língua portuguesa, não omitindo a ideia do original. Relativamente ao aspeto semântico, há claramente uma equivalência que mantém o registo do original. Assim, a utilização do termo “consagra” por *signifies* dá-lhe o mesmo significado e registo, assim como os termos “absoluta” e “anuência” por *perfect* e *acquiescence*. Uma tradução mais literal seria possível como, por exemplo “ por este meio declara a sua perfeita anuência nisto”, mas tal tradução seria mais artificial e não seria tão formal quanto ao registo da LP.

3.7.6. FRAGMENTO 6

A casual observer, adds the secretary, to whose notes we are indebted for ❶ the following account—a casual observer might possibly have remarked nothing extraordinary in the bald head, and circular spectacles, which were intently turned towards his (the secretary's) face, during the reading of the above resolutions: to those who knew that the gigantic brain ❷ of Pickwick was working beneath that forehead, and that the beaming eyes of Pickwick were twinkling behind those glasses, the sight was indeed an interesting one ❸.

There sat the man who had traced to their source the mighty ponds of Hampstead, and agitated the scientific world with his Theory of Tittlebats, as calm and unmoved ❹ as the deep waters of the one on a frosty day, or as a solitary specimen ❺ of the other in the inmost recesses of an earthen jar. (p. 16)

Um observador casual — acrescenta o secretário a cujas notas devemos ❶ o relato se segue — um observador casual talvez não reparasse em nada de extraordinário na cabeça calva, e nos óculos redondos, que atentamente se voltavam para o seu rosto (do secretário) durante a leitura das deliberações acima enunciadas. Para os que sabiam que o cérebro titânico ❷ de Pickwick laborava por detrás daquela fronte, e que os olhos cintilantes de Pickwick pestanejavam por detrás daquelas lentes, o espetáculo revestia-se porém de grande interesse ❸.

Sentava-se ali o homem que pesquisara até às suas origens as magnificentes Lagoas de Hampstead e agitara o mundo científico com a sua Teoria dos Girinos, e ali estava tão sereno e imperturbado ❹ como as águas fundas das primeiras num dia de geada, ou tal espécime solitário ❺ destes últimos, nos recessos mais recônditos de uma bilha de barro. (p. 34-35)

No exemplo 1, a tradução de *we are indebted for* por “devemos” atribui por equivalência semântica, e de forma concisa, o significado do original sem lhe subtrair qualquer intenção significativa. Uma tradução mais próxima do original não seria tão autêntica na LC, até para o estabelecimento da ligação à restante frase “a cujas notas” como é possível verificar neste exemplo “a cujas notas nós estamos em dívida pelo [...]”.

No exemplo 2, a utilização da equivalência de “gigante” no original por “titânico” na tradução respeita o significado do termo original, uma vez que a palavra “gigantic” remete para uma ordem de grandeza que vai para além do termo “gigântico” do português. A utilização deste termo seria possível, mas não seria uma tradução semanticamente autêntica face ao original.

No exemplo 3, *the sight was indeed an interesting one* cuja tradução é semântica em “o espetáculo revestia-se porém de grande interesse” poderia ter sido traduzido de forma mais próxima do original por “a visão era na realidade interessante”, porém tal tradução não só não respeitaria as características literárias do original, ou seja, o significado artístico que a conjugação dos termos em inglês apresenta, como não o seria para o leitor da LC.

No exemplo 4, a tradução de *as calm and unmoved* por “e ali estava tão sereno e imperturbado” mantém semanticamente o carácter literário na LC pela escolha dos termos “sereno” e “imperturbado” do que o seriam as traduções literais “calmo” e “parado” e, por outro lado, o facto de a tradutora ter acrescentado “ali estava” permitiu aumentar a clareza para quem lê.

No exemplo 5, *or as a solitary specimen* traduzido por “ou tal espécime solitário”, a utilização de “tal” é o factor distintivo nesta tradução, uma vez que se a tradução fosse “como um espécime solitário” semanticamente era possível, mas perder-se-ia em autenticidade literária na LC, isto é, maior efeito artístico nas palavras.

3.7.7. FRAGMENTO 7

And how much more interesting did the spectacle become, when, starting into full life and animation^①, as a simultaneous call for 'Pickwick' burst from his followers^②, that illustrious man slowly mounted into the Windsor chair^③, on which he had been previously seated, and addressed the club himself had founded. What a study^④ for an artist did that exciting^⑤ scene present!

The eloquent Pickwick, with one hand gracefully concealed behind his coat tails, and the other waving in air to assist his glowing declamation; his elevated position revealing those tights and gaiters, which, had they clothed an ordinary man^⑥, might have passed without observation^⑦, but which, when Pickwick clothed them^⑧—if we may use the expression—inspired involuntary awe and respect; surrounded by the men who had volunteered to share the perils of his travels, and who were destined to participate in the glories of his discoveries. (p.16-17)

E ainda mais interessante se tornou este espetáculo quando, desperta a sua vivacidade e de elevado ânimo^①, ao irromper dos seus discípulos o chamamento «Pickwick»^②, este cavalheiro ilustre subiu lentamente a cadeira da Presidência^③, onde no início estivera sentado, e saudou o Clube que ele próprio fundara! Que formidável estudo^④ para um artista apresentava aquela cena empolgante^⑤! O eloquente Pickwick, com uma mão graciosamente oculta por trás das abas da casaca e a outra ondulando no ar para secundar o seu brilhante discurso. A eminência da sua posição revelava as calças justas e as polainas, as quais, se cobrissem um homem vulgar^⑥, talvez passassem despercebidas^⑦ — todavia, quando de Pickwick se cobriam^⑧ (se nos é permitida a expressão), inspiravam involuntariamente admiração e respeito. Rodeado pelos homens que se tinham oferecido para partilhar os perigos das suas viagens e se achavam destinados a participar nas glórias das suas descobertas, [...] (p. 35)

No exemplo 1, *starting into full life and animation* traduzido por “desperta a sua vivacidade e de elevado ânimo”, Em termos semânticos, a tradutora optou por alterar alguns termos como “starting” por “desperta” este termo dá na LC um registo literário ao discurso, uma vez que se trata de um termo que o metaforiza,

tornando-o por isso mais trabalhado, mas mantendo a ideia do original, se a tradutora se tivesse limitado a traduzir por “começando”, tal expressão literária perder-se-ia. Por outro lado, a adjetivação foi mantida, mas com uma adjetivação diferente “elevado” por “full” que, mais uma vez em português, cria no leitor uma percepção literariamente mais marcada, assim, se a tradutora traduzisse por “completa” o termo não seria tão literário. A palavra “vivacidade” por “life” mantém o registo da restante frase o que não aconteceria se fosse traduzida literalmente por “vida”, uma vez que se trata de um termo mais informal.

No exemplo 2, *as a simultaneous call for 'Pickwick' burst from his followers* a tradutora optou por ‘ao irromper dos seus discípulos o chamamento <<Pickwick>>’, existem vários aspetos que conduzem esta tradução para uma tradução com autenticidade, são eles a nível sintático, a tradutora optou por colocar *burst from his followers* em primeiro lugar dando desta forma à frase a ideia de algo que aconteceu espontaneamente e dando notoriedade a esse facto, dando também força literária ao original. Por outro lado, a escolha dos equivalentes semânticos, embora não se afaste do original, cria no leitor português a autenticidade naquilo que está a ser descrito, não se sentindo qualquer artificialismo nas palavras ou frases. A tradução por uma frase sintaticamente mais próxima do original como, por exemplo “o chamamento ‘Pickwick’ pelos seus discípulos irrompeu”, esta sintaxe seria possível na LC, porém a colocação das palavras não seria tão autêntica.

No exemplo 3, *Windsor chair*, se traduzido literalmente “Cadeira de Windsor” não faria muito sentido para um português, no que à semântica diz respeito, uma vez que se trata de um significado com pressupostos culturais, porém a ideia de “Cadeira da Presidência!”, como equivalente semântico, mantém o significado sem criar estranheza ou estrangeirização na tradução.

No exemplo 4, *What a study*, a escolha, pela tradutora, da equivalência em “Que formidável estudo” acrescenta informação, sendo que, porém, essa informação está de forma subliminar presente no original. A autenticidade muitas vezes é conseguida sob esta forma, ou seja, acrescentam-se recursos que completam e clarificam o significado do original. Se a tradutora tivesse apenas traduzido por

“que estudo” perder-se-ia um pouco o significado enfático da afirmação no original.

No exemplo 5, para a tradução de *exciting* existem muitas opções, mas a tradutora ao optar por “empolgante” e não “excitante”, por exemplo, dá-lhe na LC uma ideia mais próxima do significado original, algo que desperta no público grande interesse.

No exemplo 6, *had they clothed an ordinary man* poder-se-ia optar por uma tradução próxima do enunciado original com, por exemplo, “se tivessem vestido um homem vulgar”, mas não lhe daria semanticamente na LC um caráter tão literário como “se cobrissem um homem vulgar”.

No exemplo 7, *Without observation* a tradução por “despercebidas” é na LC mais autêntica do ponto de vista da expressão do significado. Senão vejamos, a tradução literal por “sem observação” era possível na LC, mas se a integramos na restante frase ficaria “talvez passassem sem observação”. A probabilidade da ocorrência desta expressão é menor na LC para este contexto do que a opção da tradutora e a probabilidade é um dos aspetos que cria a autenticidade para quem lê.

No exemplo 8, *when Pickwick clothed them* é uma frase que permite a tradução literal, embora com a adaptação sintática à LC, em “quando Pickwick as vestia”, porém, e num contexto literário como é o caso, a opção na LC por “quando de Pickwick se cobriam” confere-lhe um registo mais consentâneo com este tipo de contexto na LC.

3.7.8. FRAGMENTO 8

On his right hand sat Mr. Tracy Tupman—the too susceptible¹ Tupman, who to the wisdom and experience of maturer years² superadded the enthusiasm and ardour of a boy³ in the most interesting and pardonable of human weaknesses—love. Time and feeding⁴ had expanded that once romantic form; the black silk waistcoat had become more and more developed; inch by inch had the gold watch-chain beneath it disappeared from within the range of Tupman's vision; and gradually had the capacious chin encroached upon the borders of the white cravat⁵: but the soul of Tupman had known no change⁶—admiration of the fair sex was still its ruling passion. On the left of his great leader sat the poetic Snodgrass, and near him again the sporting Winkle; the former poetically enveloped in a mysterious blue cloak with a canine-skin collar, and the latter communicating⁷ additional lustre to a new green shooting-coat, plaid neckerchief, and closely-fitted⁸ drabs. (p. 17)

[...] o ilustre sábio dava a direita ao Sr. Tracy Tupman; esse Tupman altamente susceptível¹, que, a sabedoria e experiência da idade madura² apunha o entusiasmo e o ardor da mocidade³ na mais interessante e desculpável das fraquezas humanas — o amor. O tempo e a gula⁴ haviam aumentado o volume da sua forma outrora romanesca; o colete de seda preta apresentava-se cada vez mais desenvolvido e, dedo a dedo, a corrente de ouro do relógio debaixo dele fora-se sumindo do campo visual do seu dono; e o queixo ostensivo afundara-se gradualmente no nó da gravata branca⁵, ainda que a alma de Tupman permanecesse inalterada⁶ — a adoração do belo sexo continuava a ser a sua paixão dominante. À esquerda do seu grande líder sentava-se o poético Snodgrass, e logo depois deste o jovial Winkle, o primeiro poeticamente envolto numa capa azul com gola de pele de cão, este último emprestando⁷ um lustro adicional a uma nova casaca verde de caça, lenço xadrez ao pescoço e elegantes⁸ calças caqui. (p.35)

No exemplo 1, a opção lexical de “altamente” por *too* não é o único recurso possível para a sua tradução, poder-se-ia traduzir por “demasiado”, mas o termo “altamente” confere-lhe um caráter de elevação que caracteriza o discurso e, como tal, dá-lhe na LC o mesmo significado, mas de uma forma mais autêntica pelo registo mais formal e contextualizado.

No exemplo 2, *maturer years*, se a tradutora tivesse optado por uma tradução mais literal com “anos maduros” seria mais artificial o significado na língua portuguesa, ao passo que “idade madura” é uma fraseologia mais tipicamente portuguesa e que corresponde ao significado do original.

No exemplo 3, *of a boy* por “mocidade” em vez de “de um rapaz”, seria uma possibilidade de tradução, porém o termo “mocidade” confere sintaticamente na LC um cunho mais formal e literário.

No exemplo 4, o termo *feeding* por “gula” transmite com autenticidade o significado do original, se a tradutora tivesse optado por “alimentar-se”, por exemplo, não daria apenas parcialmente o significado do original, como também não se integraria na frase com a mesma autenticidade “O tempo e o alimentar-se”.

No exemplo 5, *and gradually had the capacious chin encroached upon the borders of the white cravat* há na tradução desta frase vários recursos relevantes do ponto de vista da autenticidade, são eles questões de caráter sintático em que a tradutora optou por remeter o advérbio para junto do verbo, como de resto é mais autêntico em português, embora gramaticalmente fosse possível colocá-lo no início da frase.

Por outro lado, as escolhas a nível de equivalência semântica de *capacious* por “ostensivo” que, de uma forma autêntica na LC, nos descreve a ideia do original e *borders* por “nó” que faz todo o significado na sequência da contextualização do original. Uma vez que são escolhas da tradutora, existiam outras possibilidades para uma tradução mais próxima do original, como “espaçoso” para *capacious* ou “bordas” para *borders*, mas tais opções não se integrariam tão naturalmente na LC no contexto da descrição que está a ser feita.

No exemplo 6, a equivalência semântica para a expressão do original *had known no change* por “permanecesse inalterada” é semanticamente mais concebível dentro do sistema linguístico português do que o seria a tradução por “não conhecera nenhuma alteração”.

No exemplo 7, o termo *communicating* poderia ser facilmente traduzido de forma literal por um tradutor com “comunicando”, mas não teria certamente a autenticidade que a opção da tradutora com o termo “emprestando” dá quando inserida no conjunto frásico do contexto da língua de chegada.

No exemplo 8, a expressão *closely-fitted* é uma expressão que permite várias opções de tradução como, por exemplo, “apertado”, “justo”, “estreito”, mas, em nenhuma delas, se atribuiria um registo tão literário na LC como na opção da tradutora por “elegantes”.

3.7.9. FRAGMENTO 9

Mr. Pickwick's oration upon this occasion, together with the debate thereon, is entered^❶ on the Transactions of the Club. Both bear a strong affinity^❷ to the discussions of other celebrated bodies; and, as it is always interesting to trace a resemblance between the proceedings of great men, we transfer the entry to these pages^❸.

Mr. Pickwick observed (says the secretary) that fame was dear to the heart of every man. Poetic fame was dear to the heart of his friend Snodgrass; the fame of conquest was equally dear to his friend Tupman; and the desire of earning fame in the sports of the field, the air, and the water was uppermost in the breast^❹ of his friend Winkle. He (Mr. Pickwick) would not deny that he was influenced by human passions and human feelings (cheers)—possibly^❺ by human weaknesses (loud cries of "No"); [...] (p.17)

O discurso do Sr. Pickwick nesta ocasião e o debate que se lhe seguiu foram averbados^❶ às Actas do Clube. Ambos apresentam grande afinidade^❷ com as discussões de outras ilustres assembleias; e, havendo sempre grande interesse em estabelecer paralelos entre as maneiras de proceder dos grandes homens, reproduzimos aqui esse assento^❸: O Sr. Pickwick fez notar (diz o secretario) que a fama foi sempre coisa grata ao coração de todos os homens. Que a fama poética era grata ao coração do seu amigo Snodgrass, a fama da sedução igualmente grata ao coração do seu amigo Tupman, e o desejo de conquistar a fama nos desportos do campo, do ar e da terra inflamava o peito^❹ do seu amigo Winkle. Ele próprio (o Sr. Pickwick) não negaria que o influenciavam as paixões humanas e os sentimentos humanos (aplausos) — quiçá^❺ as fraquezas humanas — (gritos sonoros de “Não”); [...] (p.35-36)

No exemplo 1, *is entered* é traduzido de forma bastante ajustada e autêntica ao contexto, uma vez que a tradutora opta pela terminologia jurídica que confere à

tradução uma autenticidade e verosimilhança em termos de equivalente semântico o que não aconteceria se a tradutora tivesse optado por um termo como, por exemplo, “anotados” um registo de língua não técnico.

No exemplo 2, *bear a strong affinity* por “apresentam grande afinidade” apresenta-se como um equivalente semântico que nos dá, em termos de coerência na língua de chegada, grande autenticidade e o mesmo efeito literário. Embora a tradutora pudesse optar por uma maior proximidade linguística traduzindo, por exemplo, *bear* por “têm em si” ou “transportam”, mas não produziria o mesmo efeito literário.

No exemplo 3, *as it is always interesting to trace a resemblance between the proceedings of great men, we transfer the entry to these pages*. Em que medida é que esta frase serve de exemplo de autenticidade em tradução? É-o na medida em que a tradutora alterou em termos lexicais a categoria gramatical, atribuindo mais fluência e autenticidade ao texto português, senão vejamos *as it is always interesting* na tradução há uma alteração verbal por uma questão de coerência com o resto da frase, mas há também a mudança da categoria gramatical que passa do gerúndio inglês de *interesting* e que nominaliza a atribuição para um nome em português “interesse”, assim como opções de equivalência semântica em *resemblance* por “estabelecer paralelos”; *proceedings* por “maneiras de proceder”; *transfer* por “reproduzir” e *entry* por “assento”. Todas estas alterações que, mais uma vez mantêm o significado do original intacto, são opções linguísticas que se adaptam ao contexto em que estão inseridas, não só pelo carácter formal da descrição feita, como também pelo carácter técnico de alguma terminologia, como no caso de *entry* por assento. Uma tradução mais próxima do original não seria tão literariamente fluente na LC.

No exemplo 4, *uppermost in the breast* metáfora cujo significado se traduzido de uma forma mais literal “no ponto mais alto do peito” não seria a escolha mais correta, uma vez que deixaria de ser uma figura de estilo e perder-se-ia o carácter literário do original.

E, finalmente, gostaríamos de realçar neste excerto o termo “quicá”, no exemplo 5, que substitui o termo *possibly* que mais uma vez vem demonstrar que a escolha lexical poderá imbuir o texto da sua forma e estilo, sem prejudicar o

sentido. “Quiçá” é, de facto, um termo que denota uma preocupação com o género literário e em manter o discurso nesse registo na língua de chegada, sem artificialismos, mas tão-somente com um termo que confere autenticidade para quem lê. “Possivelmente” como tradução não confere ao discurso o carácter formal e literário do original.

3.7.10. FRAGMENTO 10

[...]but this he would say, that if ever the fire of self-importance broke out in his bosom, the desire to benefit the human race in preference effectually quenched it¹. The praise of mankind was his swing²; philanthropy was his insurance office. (Vehement cheering.)

He had felt some pride—he acknowledged it freely³, and let his enemies make the most of it⁴—he had felt some pride⁵ when he presented his Tittlebatian Theory to the world; it might be celebrated⁶ or it might not. (A cry of "It is⁷," and great cheering.) He would take the assertion of that honourable Pickwickian whose voice he had just heard⁸—it was celebrated;[...] (p.18-19)

[...] mas uma coisa tinha a dizer: que, sempre que a chama da vanglória lhe brotava do peito para queimar o seu desejo de laborar em favor da raça humana, extinguiu-a com eficácia¹. O louvor da humanidade era a sua Força Motriz²; a filantropia a sua seguradora. (Aplausos veementes).

Admitia de bom grado³ que sentira algum orgulho — arriscando-se a que por isso os seus inimigos o atacassem⁴ — e que o sentira⁵ ao apresentar ao mundo a sua Teoria Girinica; esta podia ou não ser reconhecida⁶ (Um grito de «É, pois⁷!», e vivos aplausos.) Admitiria a garantia do respeitável pickwickiano cuja voz se levantava⁸: era reconhecida; [...] (p.37)

No exemplo 1, *fire of self-importance broke out in his bosom, the desire to benefit the human race in preference effectually quenched it* existem vários aspetos de carácter gramatical que justificam a existência da autenticidade em tradução, assim, para além do efeito literário que algumas adaptações conferem, a equivalência de significados, como no caso de *fire of self-importance* traduzido por “a chama da vanglória” que atribui significado sem adulterar o original, ou “lhe brotava do peito” e aqui com alteração sintática o termo “fogo” que aparece no início no original é aqui remetido para complemento, completando de forma

autêntica e coerente a afirmação em português, ainda o facto de *benefit* ser traduzido por “laborar” o que lhe dá, não só um cariz mais formal em termos linguísticos, mas dá igualmente um registo mais literário, o mesmo contecendo com a última parte, ou seja, *effectually quenched* por “extinguiu-a com eficácia”. Se a tradutora tivesse optado por uma tradução mais direta o efeito literário na LC seria menor.

No exemplo 2, a escolha de “Força Motriz” por *swing*, uma vez que esta é conseguida pela atribuição de significado e não de mera alteração terminológica, ou seja, a expressão “Força Motriz” consegue o mesmo efeito do original, como algo que o movia, que o impulsionava que o motivava, a tradução por outros termos, como por exemplo, “motivação” não seriam na LC tão naturais para o significado do original.

No exemplo 3, *acknowledged it freely* por “Admitia de bom grado” a representação semântica da expressão “freely” é na LC recriada com a expressão “de bom grado”, a tradução literal “livremente” não seria tão autêntica, uma vez que não representaria o valor literário do texto.

No exemplo 4, *and let his enemies make the most of it*, vejamos como uma tradução literal se afastaria do que é o valor significativo desta frase “e deixem os seus inimigos levar a melhor”. É, de facto, uma possibilidade, mas que não empresta na LC todo o significado oculto nestas palavras. As opções da tradutora recriaram com maior clareza esse significado.

No exemplo 5, em *he had felt some pride* a tradutora simplificou a construção frásica em relação ao original, fazendo o texto fluir naturalmente de acordo com o contexto português. Assim, e uma vez que a palavra orgulho já foi utilizada mais acima, a tradutora opta apenas por traduzir “que o sentira” sendo o complemento “o” o elemento que substitui o termo “orgulho” já presente anteriormente. Se tivesse optado pela repetição a frase perderia na LC a fluência do discurso, uma vez que a pronominalização é, muitas vezes, utilizada em português para evitar a repetição.

No exemplo 6, o termo *celebrated* é adaptado á língua portuguesa, atribuindo a tradutora um outro termo “reconhecida”. Neste caso, a autenticidade está

presente no significado em que a tradutora lhe atribui uma coerência em relação ao contexto em que se insere, permitindo, assim, ao leitor seguir a leitura de forma fluida e verosímil na LC, uma vez que o termo é mais preciso no seu significado. A tradução por “celebrada” levaria o leitor a interpretar de forma diferente a ideia do original, mais no sentido festivo o que, na realidade, não é o que se pretende no conceito original.

No exemplo 7, *It is*, surge na LC como “É pois!” não sendo uma tradução literal, dá ao leitor português o valor expressivo que o original possui, isto porque a ideia de reforço que está subjacente a *it is*, está bem expressa em “É pois!”. Traduzido apenas por “É”, tal ênfase seria perdido e a autenticidade do discurso comprometida.

No exemplo 8, *he had just heard*, aqui parece-nos que o caminho percorrido pela tradutora a fim de chegar à solução que apresenta na tradução, ou seja, “se levantava” nos indica claramente a preocupação em lhe dar o significado do original, não através das palavras do mesmo, mas sim através da interpretação deste que lhe está subjacente e que cria na LC, e em termos semânticos, a dimensão expressiva do discurso que está a ser proferido contextualmente. Estaria presente de forma menos veemente, como registo, se fosse traduzido por “ele tinha acabado de ouvir” ou “acabara de ouvir”, uma vez que, semanticamente, o conceito de “levantava” é na LC mais enfático.

3.7.11. FRAGMENTO 11

[...]but if the fame of that treatise were to extend to the farthest confines of the known world, the pride with which he should reflect^① on the authorship of that production would be as nothing compared^② with the pride with which he looked around him, on this, the proudest moment of his existence^③. (Cheers.) He was a humble individual. ("No, no.") Still he could not but feel^④ that they had selected him for a service of great honour, and of some danger.

Travelling^⑤ was in a troubled state, and the minds of coachmen were unsettled^⑥. Let them look^⑦ abroad and contemplate the scenes which were enacting around them. Stage-coaches were upsetting in all directions, horses were bolting, boats were overturning, and boilers were bursting. (Cheers—a voice "No.") No! (Cheers.) Let that honourable Pickwickian who cried "No" so loudly^⑧ come forward and deny it, if he could. (Cheers.) Who was it that cried "No"? (Enthusiastic^⑨ cheering.) (p.19)

[...] todavia, se a fama desse tratado viesse a estender-se aos confins mais remotos do mundo conhecido, o orgulho que depositaria^① na autoria dessa produção em nada poderia equiparar-se^② ao orgulho com que olhava agora à sua volta, neste momento da sua existência que maior motivo de orgulho lhe dava^③. (Aplausos.) Era um indivíduo humilde. (Não, não.) E ainda assim não podia coibir-se de sentir^④ que o tinham escolhido para prestar um serviço de grande mérito e algum risco.

As viagens^⑤ atravessavam momentos perturbados e os cocheiros tinham os espíritos inquietos^⑥. Que todos olhassem^⑦ pelo mundo fora, vislumbrando as cenas que ocorriam à sua volta. As diligências guinavam em todas as direções, os cavalos perdiam os freios, os barcos afundavam-se e as caldeiras rebentavam. (Aplausos — uma voz: “Não.”) Não! (Aplausos.) Que esse respeitável pickwickiano que gritava “Não” com tanta força^⑧ se adiantasse e o desmentisse, se pudesse. (Aplausos.) Quem foi que gritou “Não”? (Aplausos veementes^⑨.) (p. 37)

No exemplo 1, em *the pride with which he should reflect* ao ser traduzido por “O orgulho que depositaria” há nesta opção de tradução uma associação semântica, uma leitura do original transcrito para português a partir da ideia nuclear para o significado do conjunto frásico presente no termo *reflect* para o qual a tradutora optou pelo termo “depositaria”. Se a tradução fosse “o orgulho que ele deveria reflectir” era, de facto, uma possibilidade, no entanto, essa escolha não seria tão autenticamente literária na LC para o leitor, no sentido em que a ideia de “depositaria” para a integração na restante frase “na autoria dessa produção” é uma forma de expressão mais criativa.

No exemplo 2, em *would be as nothing compared*, a tradução que nos é apresentada “em nada poderia equiparar-se” transporta para a LC o que o original transmite. A alteração sintática em que a expressão “nada” do original é remetida para primeiro plano, sendo, de facto, esta a ideia que marca mais o significado na LP e, a partir deste elemento, a tradutora consegue manter o condicional, embora adotando novos termos. *Would be* como condicional passa para a LC como “poderia” e, por último, escolhe para *compared* “equiparar-se”. Em síntese, os termos “em nada”, “poderia” e “equiparar-se” estão literaria, e por consequência, autenticamente traduzidos porque conseguem na LC criar um discurso em que a construção frásica torna a linguagem criativa e adequada ao contexto quer da LP, quer da LC.

No exemplo 3, *on this, the proudest moment of his existence* traduzido por “neste momento da sua existência que maior motivo de orgulho lhe dava” a alteração sintática e a atribuição de um pronome relativo que lhe dá autenticidade em tradução, na medida em que a forma portuguesa enfatiza o que é a última parte do excerto em inglês, mas sem que para tal isso implique algum tipo de antagonismo com a ideia do original, uma vez que ela pode ser interpretada dando preponderância ao orgulho ou ao momento. Se a tradutora tivesse optado por “neste momento de maior orgulho da sua existência” semanticamente teria todos os elementos da LP, porém não seria tão autêntica na sua expressão na LC, uma vez que o relativo vai articular melhor os elementos frásicos do original permitindo, inclusivamente, a inserção, com autenticidade e pertença, das restantes expressões e dando valor literário ao discurso.

No exemplo 4, *he could not but feel* cuja opção de tradução foi “não podia coibir-se de sentir” há um registo literário e formal nesta construção frásica, numa frase não literária o autor poderia, por exemplo, apenas dizer *he could only feel* e a tradutora poderia ter traduzido recorrendo apenas a essa ideia “ele podia apenas sentir”, embora sendo natural para a LC, não o seria se tivermos em consideração que estamos perante um texto literário.

No exemplo 5, *Travelling* foi objeto de, em termos lexicais, uma mudança de categoria, de verbo para nome. A tradutora poderia ter optado por uma tradução que, lexicalmente, fosse mais próxima mantendo um verbo “Viajar”, porém, na LP o gerúndio atua aqui como sujeito da frase, na LC é mais provável, e como tal mais autêntica, que o mesmo seja um nome “As viagens”.

No exemplo 6, *the minds of coachmen were unsettled* existe uma alteração que promove a autenticidade, a nível sintático, a passagem da palavra “cocheiros” para sujeito da frase e, a partir daí, construir a frase segundo a sintaxe portuguesa com sujeito, verbo e complemento “e os cocheiros tinham os espíritos inquietos”. A tradução literal era possível, porém, a frase na LC reveste-se de maior clareza.

No exemplo 7, *Let them look* tem um carácter imperativo que foi bem interpretado pela tradutora, uma vez que na sua tradução está bem presente esse significado “Que todos olhassem”, uma tradução mais próxima com “deixa-os olhar”, por exemplo, não transportaria para a LC esse registo.

No exemplo 8, na tradução de *so loudly* a tradutora poderia ter optado por uma tradução mais literal com “tão altamente”, mas, se analisarmos atentamente o significado que está subjacente ao original, facilmente concluímos que a tradução por “com tanta força” se aproxima, e com maior autenticidade transmite, na LC o original, uma vez que o interlocutor terá mais do que falar alto, falado com força para ser ouvido.

No exemplo 9, *Enthusiastic* foi traduzido por “veemente”, este equivalente semântico, embora não anule a possibilidade de uma tradução literal “Entusiásticos”, cria na LC, em termos estéticos, e como tal literários, uma linguagem mais autêntica para este registo.

3.7.12. FRAGMENTO 12

Was it some vain and disappointed man-he would not say haberdasher-(loud cheers)-who, jealous of the praise which had been-perhaps undeservedly¹ -bestowed on his (Mr. Pickwick's) researches, and smarting under the censure which had been heaped upon his own feeble attempts at rivalry, now took² this vile and calumnious mode of-

'Mr. BLOTTON (of Aldgate) rose to order³. Did the honourable Pickwickian allude to him? (Cries of "Order," "Chair," "Yes," "No," "Go on," "Leave off⁴," &c.) (p.19)

Teria sido algum presunçoso e desiludido, para não dizer um reles retroseiro (aplausos sonoros), o qual, invejando os elogios que, conquanto imerecidamente¹, haviam sido prodigalizados nas suas (dele, Pickwick) investigações e, despeitado pelas censuras que tinham recaído sobre as suas débeis tentativas de rivalidade, empregava agora² este meio calunioso e vil de...

>> O Sr. Blotton (de Aldgate) tomou a palavra³. Era a ele que se referia o respeitável pickwickiano? (Gritos de "Ordem!", "Sr. Presidente", "Sim", "Não", "Vamos", "Não faça caso⁴", etc.) (p.37-38)

No exemplo 1, em *perhaps undeservedly* a tradução utiliza um registo de língua adequado quer ao discurso literário, quer à sua formalidade. A tradução de *perhaps* por "talvez" seria na LC demasiado prosaica para esta circunstância.

No exemplo 2, *now took* por "empregava agora" representa um equivalente que, não só segue a linha discursiva do que é transmitido pelo original, como também lhe atribui equivalentes semânticos que a tradução literal, embora possível, não daria se fosse traduzido por "tomava agora", uma vez que em português ficaria muito artificial.

No exemplo 3, *rose to order* não poderia ser traduzido literalmente, pelo facto de na LP esta expressão dar concisamente uma ideia que na LC terá que ser mais desenvolvida. Porém, podemos analisar a razão pela qual esta opção é mais autêntica do que outras possíveis. Assim, se a tradutora tivesse optado, por exemplo, por "levantou-se para pôr ordem na casa" a tradução não seria tão autêntica e coerente, na medida em que a sequência da frase torna-se mais clara para quem lê com "tomou a palavra" que foi, de facto, o que aconteceu a seguir.

No exemplo 4, o *phrasal leave off*, como a maior parte dos *phrasals*, podem constituir um problema para o tradutor uma vez que a sua tradução literal é, na maior parte dos casos impossível e, dado que o objeto deste estudo não são os idiomatismos, como são considerados muitas vezes os *phrasals*, limitar-nos-emos a analisar a opção portuguesa do ponto de vista semântico, isto é, até que ponto a tradução proposta corresponde a uma tradução com autenticidade. Consideramos que sim, uma vez que o coloquialismo corresponde ao significado que o autor confere na LP. Outras opções poderiam ser consideradas, como por exemplo, “deixe”, porém a tradução apresentada terá maior possibilidade de utilização neste contexto porque se reveste de um caráter mais formal.

3.7.13. FRAGMENTO 13

'Mr. PICKWICK would not put up to be put down by clamour¹. He had alluded to the honourable gentleman. (Great excitement.)

'Mr. BLOTTON would only say then², that he repelled the hon. gent.'s false and scurrilous accusation, with profound contempt³. (Great cheering.) The hon. gent. was a humbug. (Immense confusion, and loud cries of "Chair," and "Order.")

'Mr. A. SNODGRASS rose to order. He threw himself upon the chair. (Hear.) He wished to know whether this disgraceful contest between two members of that club should be allowed to continue⁴. (Hear, hear.)

'The CHAIRMAN was quite sure the hon. Pickwickian would withdraw the expression he had just made use of. (p.19)

»Ele, Pickwick, não toleraria que a algazarra afogasse o assunto¹. Aludira, *sim*, ao respeitável cavalheiro. (Grande comoção.)

»Nesse caso, o Sr. Blotton apenas tinha a dizer² que enfeitava, com profundo desprezo, a acusação falsa e grosseira do respeitável cavalheiro³. (Muitos aplausos.) O respeitável cavalheiro era um impostor. (Grande confusão, e gritos altos de “Sr. Presidente” e “Ordem”.)

» O Sr. A. Snodgrass tomou a palavra. Lançou-se à cadeira da Presidência. (Ouçam.) Gostaria de saber se era de permitir o prolongamento daquela vergonhosa altercação entre dois sócios do Clube⁴. (Ouçam, ouçam.)

»O Sr. Presidente estava certo de que o respeitável pickwickiano retiraria a expressão que acabava de empregar. (p.38)

No exemplo 1, *to be put down by clamour* parece-nos que a tradutora recorreu a diversos meios para que a sua tradução correspondesse ao original, e isto parece-nos tanto mais evidente quanto o facto de os equivalentes semânticos serem quase todos interpretações do original e transcrição do significado; senão vejamos *put down* e *clamour*, cujos equivalentes semânticos pelos quais a tradutora optou foram “afogasse” e “algazarra”, são termos que descrevem de forma jocosa, que de resto está muito presente no original, o contexto em que os

mesmos se inserem e que não teriam o mesmo efeito na LC se a tradutora tivesse optado por traduções como “silenciado” e “clamor”.

No exemplo 2, *‘Mr. BLOTTON would only say then* traduzido por “Nesse caso, o Sr. Blotton apenas tinha a dizer” A tradutora optou, em termos sintáticos, por colocar o sujeito Mr. Blotton, que no original vem no início da frase, a seguir ao equivalente semântico para *then*, “nesse caso”. O facto de ter optado por colocar em primeiro lugar o equivalente ao advérbio inglês *then*, com “nesse caso”, tem maior probabilidade de aparecer sob essa forma na LC, uma vez que em português e, ao contrário do inglês, esta expressão vem, com maior frequência, no início da frase fazendo naturalmente significado. Tal não aconteceria, embora fosse possível, se a tradutora tivesse optado por manter a sintaxe da LP “apenas tinha a dizer nesse caso”.

No exemplo 3 *with profound contempt*, o facto de a tradutora ter remetido, sintaticamente, *with profound contempt* para o início em “com profundo desprezo”, uma vez que esta oração intercalada faz todo o significado em português vir logo a seguir à primeira parte da frase, pois serve como elemento caracterizador da afirmação anterior “que enfeitava, com profundo desprezo”. Uma tradução baseada apenas na sintaxe da LP, em que esta parte viesse no final, era possível, mas comprometeria a clareza e a autenticidade da expressão na LC.

No exemplo 4, em *whether (...) should be allowed to continue*, mais uma vez a tradutora recorre à alteração sintática. A tradutora optou por colocar a conjunção “se” no início, tal como se encontra no original, o que poderia levar à tradução literal dos elementos frásicos que se lhe seguem, sem que tal fosse menos autêntico em português. Porém, não seria tão autêntico colocar *should be allowed to continue* no final da frase portuguesa se a mesma fosse traduzida de forma mais literal “deveria ser permitido continuar”. Assim, colocar “se era de permitir o prolongamento”, independentemente da sinonímia utilizada, que não nos parece aqui importante em termos de autenticidade, é a opção que, de forma mais genuína, traduz o enunciado.

3.7.14. FRAGMENTO 14

Mr. BLOTTON, with all possible respect for the chair, was quite sure he would not.

The CHAIRMAN felt¹ it is imperative duty to demand of the honourable gentleman, whether² he had used the expression which had just escaped him in a common sense.

Mr. BLOTTON had no hesitation in saying that he had not—he had used the word in its Pickwickian sense. (Hear, hear.) He was bound to acknowledge that, personally, he entertained the highest regard and esteem for the honourable gentleman; he had merely³ considered him a humbug in a Pickwickian point of view. (Hear, hear.) (p.19-20)

»O Sr. Blotton, com todo o respeito pelo Sr. Presidente, estava certo de que não o faria.

O Sr. Presidente considerou¹ ser seu imperioso dever inquirir se o respeitável cavalheiro² empregara a expressão que acabava de lhe escapar dos lábios no sentido comum.

»O Sr. Blotton não hesitou em responder que não, que usara a palavra no seu sentido pickwickiano. (Ouçam, ouçam.) Competia-lhe reconhecer que, pessoalmente, nutria a mais alta consideração e estima pelo respeitável cavalheiro; apenas³ o considerara um impostor do ponto de vista pickwickiano. (Ouçam, ouçam.) (p.38)

No exemplo 1, a tradutora optou por “considerou” para *felt*, se a tradução fosse literal, e tal aqui era sempre possível, não dava ao leitor português a ideia correta do que está expresso em inglês que é mais o de “considerar” no sentido de “examinar” e com base nesse exame decidir e não apenas sentir.

No exemplo 2, *of the honourable gentleman, whether*, aqui uma vez que se trata de uma oração condicional, a tradutora colocou a conjunção “se” no início. Porém, ela poderia ter optado por colocar o “se” antes seguindo a sintaxe da LP, mas tal não seria tão provável, e como tal tão autêntico na LC, pois o “se” é normalmente anteposto no início da frase condicional e não no meio da mesma.

No exemplo 3, embora a tradução literal fosse possível com “meramente”, a tradução de *merely* por “apenas” adapta-se de forma mais direta, em termos de

significado, no contexto frásico quer da LP, quer da LC, “apenas o considerava um impostor”, uma vez que “meramente” significa simplesmente e “apenas” somente, unicamente.

3.7.15. FRAGMENTO 15

'Mr. PICKWICK felt much gratified¹ by the fair, candid, and full explanation of his honourable friend. He begged it to be at once understood, that his own observations had been merely intended to bear a Pickwickian construction². (Cheers.)'

Here the entry terminates, as we have no doubt the debate did also, after arriving at such a highly satisfactory³ and intelligible point. We have no official statement of the facts which the reader will find recorded⁴ in the next chapter, but they have been carefully collated from letters and other MS. authorities, so unquestionably genuine as to justify their narration in a connected form⁵. (p. 20)

»O Sr. Pickwick declarou-se assaz satisfeito¹ com a explicação justa, honesta e cabal do seu digno amigo. Rogou a todos que compreendessem desde logo que também os seus reparos tinham sido proferidos num âmbito pickwickiano².(Aplausos.)»

Aqui termina o assento, como de certeza também o debate terminou depois de alcançar um ponto tão plenamente satisfatório³ e inteligível. Não possuímos qualquer depoimento oficial dos factos que o leitor verá relatados⁴ no capítulo seguinte; foram, não obstante, cuidadosamente coligidos a partir de cartas e outros documentos manuscritos e, logo, inquestionavelmente autênticos, justificando a sua narrativa sequencial⁵.(P.38-39)

No exemplo 1, há claramente uma preocupação no sentido de os equivalentes semânticos respeitarem, não só o significado do original, mas também de serem eles próprios recursos potenciadores de um estilo tipicamente literário onde as palavras são elas próprias recursos artísticos com um determinado estilo, é o caso de *felt* traduzido por “declarou-se”, “assaz” por *much* e “satisfeito” por *gratified*. Assim, e pelo facto de ser traduzido de forma a proporcionar ao leitor da língua de chegada o mesmo “ambiente linguístico” da LP, isso constitui uma forma de autenticidade quer para quem lê, quer para a fidelidade ao original. Uma tradução em que estes termos fossem traduzidos como “sentiu”, “bastante” e “agradecido” não criariam esse efeito, uma vez que são termos cujo significado

pode estar relacionado com discursos em que a linguagem seja mais direta, mais informativa e, como tal, menos literária.

No exemplo 2, *had been merely intended to bear a Pickwickian construction* a tradutora optou pela tradução “tinham sido proferidos num âmbito pickwickiano”, poderia ter optado por uma tradução mais próxima, em termos semânticos e sintáticos como, por exemplo, “tinham apenas pretendido possuir uma construção Pickwickiana”, porém esta construção frásica não se adaptaria tão naturalmente à LC, uma vez que a linguagem literária (criativa e estética) perder-se-ia um pouco e a frase seria menos fluente, ou seja, os termos não se conjugariam entre si de forma tão autêntica.

No exemplo 3, o equivalente semântico pelo qual a tradutora optou em *highly*, ou seja, “plenamente” dá o significado do original, mas de forma mais próxima do significado na LC do que a tradução literal “altamente”. Tal situação deve-se ao facto de que o advérbio “altamente” tem o significado de “em elevado grau”, ao passo que “plenamente” significa “no máximo de”. Pelo exposto, embora ambas fossem possíveis, “plenamente” aproxima-se mais da ideia de “máxima satisfação” a que se refere a LP.

No exemplo 4, com a equivalência de *recorded* por “relatados” e, em termos semânticos, verificamos que a tradutora poderia ter recorrido a significados mais próximos traduzindo por “registado”, por exemplo, no entanto, ao optar pelo verbo “relatados” atribuiu o verdadeiro e autêntico significado do que está no original, não só para o contexto imediato, mas também para o que toda a obra representa e que são relatos.

No exemplo 5, *connected form* é traduzido por “narrativa sequencial”, a tradução palavra a palavra, por exemplo por “de forma ligada”, é uma possibilidade, porém negaria aqui o verdadeiro significado do que se pretende dizer no original, uma vez que o que o autor pretende transmitir com os termos usados é efetivamente o que está em português e é também o que será autenticamente apreendido pelo leitor português face ao contexto.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES

RECURSOS QUE PROMOVEM MAIS A AUTENTICIDADE

NÚMERO DO FRAGMENTO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR RECURSO			RECURSO COM MAIOR NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
	Semântica	Sintática	Lexical	
1	8	2	3	Semântica
2	5	0	2	Semântica
3	5	1	0	Semântica
4	7	3	2	Semântica
5	5	1	0	Semântica
6	5	0	0	Semântica
7	8	2	0	Semântica
8	7	1	2	Semântica
9	4	0	2	Semântica
10	7	2	2	Semântica
11	7	3	3	Semântica
12	4	1	2	Semântica
13	3	3	0	Semântica
14	2	1	0	Semântica
15	5	1	0	Semântica
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	82	21	18	

Como é demonstrado pela tabela acima, este estudo teve como objetivo inicial o reconhecimento e classificação dos recursos que asseguram a autenticidade da tradução em termos gramaticais - especificamente no que diz respeito aos recursos semânticos (equivalências de significado na tradução), sintáticos (equivalências na forma como os elementos se organizam para formar as frases traduzidas) e lexicais (equivalências em termos de classe morfológica de uma palavra na tradução), tendo ligado a estes aspetos a ideia de como podemos chegar a uma tradução autêntica. Para esse efeito foi utilizada a obra *The Pickwick Papers* (2003) de Charles Dickens e a tradução portuguesa em *Os*

cadernos de Pickwick (2012) e, mais concretamente, o primeiro capítulo da mesma.

Assim, procurou-se demonstrar como podemos chegar à autenticidade em tradução, ou seja, a forma como os recursos mencionados conduzem à elaboração de uma tradução que corresponda no significado à forma como o mesmo é expresso na língua de chegada (LC), em que a sintaxe seja a utilizada na LC e o léxico seja aquele que é utilizado na língua de chegada a partir das opções efetuadas pela tradutora e que, dentro destas, constituíssem recursos promotores de um texto na língua de chegada que soasse autêntico para quem lê, sem que isso, porém, implicasse o afastamento ou descaracterização do significado do original e formasse um texto que fosse uma produção e não uma reprodução do original.

Procurámos definir logo de início critérios objetivos de avaliação para o nosso estudo, uma vez que estes critérios eram cruciais para a forma como nos permitiriam suplantar as limitações relacionadas com este tipo de análise, como por exemplo a subjetividade e torná-la assim mais objetiva; daí que tenhamos, inclusivamente, recorrido a tabelas com análise quantitativa, como a que apresentamos aqui.

A atividade de tradutor é no mundo atual cada vez mais importante e o presente trabalho possibilitou a reflexão sobre a importância deste tipo de estudo para a melhoria da qualidade nas traduções e isto porque este estudo dos problemas de tradução é fundamental para se estabelecer os limites entre o que constituirá realmente um fator promotor da autenticidade numa tradução e as complexidades, ou dificuldades, resultantes do facto de que todas as línguas variam a nível lexical, sintático e semântico forçando a existência de equivalentes ou ajustes. Este estudo pretendeu contribuir para a aplicação de critérios de avaliação e demonstrou a distinção entre um erro e uma escolha no sentido da autenticidade. Através da análise contrastiva, e só dessa forma consideramos que se pode efetuar uma avaliação de forma mais imparcial e mais alicerçada em bases que conduzam à extrapolação para contextos semelhantes, neste caso concreto, para a tradução de textos literários.

Além disso, possibilitou ainda a identificação das boas escolhas de tradução apresentadas e a ideia de que a crítica de tradução não pode, nem deve, basear-se somente nos aspectos negativos do trabalho executado pelo tradutor. Depois do estabelecimento dos critérios de avaliação que orientaram a nossa análise, os mesmos revelaram-se muito úteis e adaptados ao estudo de caso feito e, cremos, que conseguirão mesmo fundar uma base para a análise e avaliação de qualquer tipo de texto literário desde que partamos apenas dos conceitos linguísticos como motor de análise.

Ao longo da comparação efetuada entre *The Pickwick Papers* e *Os Cadernos de Pickwick*, a análise dos três parâmetros previamente definidos permitiu avaliar de que forma as finalidades intrínsecas ao texto original se espelhavam na sua tradução e se os objetivos do texto de partida estavam conforme, na tradução, às especificidades do texto de chegada, ou seja, se o texto de chegada é autêntico para quem lê. A análise de cada um dos critérios de avaliação permitiu-nos concluir que a tradução portuguesa analisada corresponde com autenticidade ao seu original.

A tradução portuguesa revelou-se, assim, ainda correta em termos da equivalência ao nível de substituições lexicais, semânticas e sintáticas. Ou seja, todos estes critérios se conjugam ao longo da avaliação.

Deste modo, podemos afirmar que a crítica de tradução, tal como a levamos a cabo neste estudo, é válida quando se examina um texto tendo em conta os elementos linguísticos que lhe são inerentes. Cremos, assim, que com estudos desta natureza poderão estar criadas as condições necessárias ao desenvolvimento de um exercício de avaliação sistemática e rigorosa que contribuirá em muito para a melhoria da qualidade das traduções realizadas.

Como espero ter conseguido demonstrar quer através da análise do primeiro capítulo, quer através das conclusões finais na tabela final que aqui apresentamos, é essencial que um tradutor tenha em mente, ao traduzir, os recursos que pode ou não utilizar para que seja um intermediário “fiel” entre o original e os leitores da língua de chegada e para que a autenticidade não se perca, assim como o significado do original.

O estudo que realizámos permitiu-nos concluir que a tradução apresentada e analisada é autêntica, uma vez que não transporta em si recursos lexicais que sejam estranhos para a língua de chegada, em termos semânticos a tradutora conseguiu autenticamente transportar para o português os significados sem que, com tal estratégia, estrangeirizasse o texto de chegada tornando-o, assim, estranho para o leitor português. No que concerne os aspetos sintáticos, as opções da tradutora, como esperamos ter demonstrado, conduziram a uma leitura que não adulterou o que se pretendia transmitir no original e fê-lo dando ao enunciado português um carácter genuíno.

Por outro lado, podemos concluir também que através destes recursos a tradutora conseguiu manter, escolhendo, a nível de equivalência semântica, palavras que não constituem só transposições de paralelismos de significado, mas que também “protegem” e mantêm as características desta tipologia textual de carácter literário e que, como tal, requer em muitas situações a utilização de palavras que lhe conferem um carácter mais formal. Ainda nesta linha de pensamento, cremos que este estudo permitiu igualmente verificar que a escolha de equivalentes semânticos foi particularmente bem conseguida, uma vez que o carácter humorístico de muitas intervenções conseguiu ser mantido em português de forma autêntica e equivalente.

Desta forma a tradução portuguesa demonstrou ser eficaz em termos de equivalência dos recursos mencionados e da congruência destes com o nível de autenticidade conseguida no final.

Por outro lado, e como nos foi possível verificar igualmente nesta tabela, o processo de análise de cada um dos recursos permitiu-nos concluir que os resultados finais apontam maioritariamente para que a autenticidade seja obtida sobretudo por via semântica e, em segundo lugar, por via sintática (sendo que a mesma é possível sem que para tal percamos o significado do original).

A nível pessoal, e como tradutores, este estudo foi muito positivo na medida em que nos permitiu tomar ainda mais consciência do quão importante é a reflexão dos aspetos que envolvem a tradução para que possamos melhorar sempre como linguísticas em geral e como tradutores em particular. Esperamos, porém, humildemente, que tal possa acontecer também a quem ler este trabalho.

A nível mais geral, e em termos futuros, para todos aqueles que possam vir a interessar-se por este estudo, há certamente muitos aspetos que ainda podem e merecem ser abordados, mas que a extensão requerida para esta Dissertação não permitiu aprofundar mais, entre eles sugerimos um maior desenvolvimento da análise do *corpus paralelo*, o estabelecimento de outros critérios de análise, a análise estatística aprofundada e a extrapolação, com maior desenvolvimento de ideias e conceitos, para uma teoria da tradução mais objetiva.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- AL-QINAI, J. (2000). *Translation Quality Assessment. Strategies, Parametres and Procedures*, in *Meta: Translators' Journal*, vol. 45, nº 3
- BELL, R. T (1991). *Translation and Translating: Theory and Practice*, Londres, Longman
- BENEDETTI, I. C. e SOBRAL (2003). *Conversa com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução*, São Paulo, Parábola Editorial
- BENJAMIN, W. (2000). *A obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Paz e Terra
- BORDENAVE, M. C. R. (1987). *Fundamentos de uma Metodologia de Ensino da Tradução*. Trabalho apresentado no 3º. Encontro Nacional de Tradutores, Porto Alegre
- BOYLE, N. (2000). *Goethe the Poet and the Age*, Oxford, Oxford University Press
- BÜHLER, K. (1934). *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*, Jena: G. Fischer
- CATFORD, J. C. (1980). *Uma Teoria Linguística da Tradução: Um Ensaio de Linguística Aplicada*, São Paulo, Cultrix
- CROCE, B. (1992). *The Aesthetic as Science of Expression and of Linguistica in General*, Trad. Colin Lyas, Cambridge, Cambridge University Press
- DERRIDA, J. (2002). *La Langue de l'Étranger*. in: *Le Monde Diplomatique*. Janeiro, pp. 24-27. (Francês).
- DICKENS, C. (2012). *Os Cadernos de Pickwick*, Trad. Margarida Vale de Gato, Lisboa, Tinta da China
- DICKENS, C. In *Collier's Encyclopedia* (Vol. 8, pp. 185-192) P.F. Collier, Inc.

REFERÊNCIAS

DICKENS, C. (2003). *The Pickwick Papers*, Londres, Penguin

DRYDEN, J. (1680) *From the Preface to Ovid's Epistles* Ed. Lawrence Venuti.
Nova Iorque, Routledge

EGGER, E. (1846). *Revue des Traductions Françaises d'Homère*, Paris, Didot frères

ELIOT, T.S. (1957). *On poetry and Poets*, Londres, Faber & Faber

EVEN-ZOHAR, I. (1975). *Le Relazioni tra Sistema Primario e Sistema Secondario all'interno del Polisistema Letterario*, in: *Strumenti Critici*, 26

HENRY, A. (1952). *Langage et Poésie chez Paul Valéry*, Paris, Mercure de France

HOLMES, J. S. (1969). *Poem and Metapoem: Poetry from Dutch to English*,
Linguistica Antropologica, Amsterdão

HUET, P. D. (2002). *De Optimo Genere Interpretandi*, Manchester, St. Jerome Publishing,

JAKOBSON, R. (1971). *Aspectos Lingüísticos da Tradução*, in: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix

LECONTE DE LISLE. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-07-23].

BRUNI, L. (2008). *De Interpretatione Recta, De la Traduction Parfaite, introdução e notas de Charles le Blanc*, Otava, Presses de L'Université de Ottawa

LEVY, J. (1984). *The Art of Translation*, Amsterdão, John Benjamins Publishing

MARTINEZ M. N., AMPARO H. (2001). *Assessment in Translation Studies: Research Needs*, *Meta* 46.2: 272-87

MESCHONIC, H. (1972). *Proposition pour une Poétique de la Traduction*, Paris, Vincennes

MOUNIN, G. (1994). *Les Belles Infidèles*, Paris, Presse Universitaire de Lille

REFERÊNCIAS

- NIDA, E. A., TABER, C. R. (1969). *The Theory and Practice of Translation*, Boston, Brill
- ORTEGA Y GASSET (1947). *Miseria y Esplendor da Traduccion*, Madrid, Editorial Complutense
- Oxford World's Classics* (1993). *Alexander Pope the Major Works*, Oxford, Oxford University Press
- PAZ, O. (1971). *Traducción: Literatura y Literalidad*, Barcelona, Tusquets Editores
- PHILLIPS, J.B. (2009). *New Testament in Modern English*, Londres, Harper Collins
- REISS, K. (2000). *Translation Criticism – The Potentials & Limitations, Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*, Trad. Erroll F. Rhodes, Manchester, St. Jerome Publishing
- RENER, F. (1989). *Language and Translation from Cicero to Tytler*, Holanda, Editions Rodopi B.V.
- SAPIR, E. (1953). *Le Langage, Introduction à l'Étude de la Parole*, trad. S. Guillemin, Paris, Payot
- SAUSSURE, F. (1978). *Curso de Linguística Geral*, 4ª Ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote
- SCHLEIERMACHER, F. (1813). *On the Different Methods of Translating*, Ed. Lawrence Venuti. Nova Iorque, Routledge
- STEINER, G. (2002). *Depois de Babel - Aspectos da Linguagem e Tradução*. Lisboa, Relógio d'Água
- TURABIAN, L. K. (1996). *A Manual for Writers of Term Papers, Theses, and Dissertations*, 6ª Ed., Chicago e Londres, The University of Chicago Press
- TYTLER, A. F. (1797). *Essay on the Principles of Translation*, Londres, J.M. Dent & co.

REFERÊNCIAS

VENUTI, L. (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*, Nova Iorque, Routledge

VOLTAIRE (1737). *Lettres Philosophiques*, Rouen, Chez Jore Libraire

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1- Fragmento 1

Anexo 2- Fragmento 2

Anexo 3- Fragmento 3

Anexo 4- Fragmento 4

Anexo 5- Fragmento 5

Anexo 6- Fragmento 6

Anexo 7- Fragmento 7

Anexo 8- Fragmento 8

Anexo 9- Fragmento 9

Anexo 10- Fragmento 10

Anexo 11- Fragmento 11

Anexo 12- Fragmento 12

Anexo 13- Fragmento 13

Anexo 14- Fragmento 14

Anexo 15- Fragmento 15

ANEXO 1

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 1

FRAGMENTO 1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Gloom	Trevas	X		
Converts	Convertendo	X		
That obscurity	A obscuridade			X
Would appear to be involved	A que parecia votada	X	X	X
Is derived	Deriva			X
Entry	Assento	X		
Transactions	Livro de Actas	X		
Which the editor of these papers feels the highest pleasure in laying before his readers	Cuja exposição aos olhos do leitor é do maior agrado do editor destes documentos		X	
Proof	Testemunho	X		
Assiduity	Diligência	X		
Nice discrimination	Craterioso discernimento	X		

ANEXO 2

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 2

FRAGMENTO 2

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Esq.	Exmo. Sr	X		
Has heard read	Assistiu a leitura	X		
With feelings of unmingled satisfaction, and unqualified approval	Com sentimentos de vivo aplauso e a mais pura satisfação	X		X
The paper communicated	Da comunicação professa	X		
Return its warmest thanks	Expressar os mais efusivos agradecimentos	X		X

ANEXO 3

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 3

FRAGMENTO 3

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
That while this Association is deeply sensible	Que, achando-se esta Associação profundamente ciente	X		
No less than from the unwearied researches	Bem como das incansáveis pesquisas	X		
Lively sense	Forte impressão	X		
Which must inevitably result	Que decerto resultariam	X		
Learned man	Homem de ciência	X		
To the advancement	Tendo por fito o progresso		X	

ANEXO 4

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 4

FRAGMENTO 4

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
With the view just mentioned	Dado o parecer agora exposto	X		
Has taken into its serious consideration	Considerou muito atentamente	X		X
Emanating	Apresentada	X		
And three other	Por outros três	X		
Under the title	Denominada	X		
Said proposal	Referida proposta		X	
Has received the sanction	Deferida	X		X
That the Corresponding Society of the Pickwick Club is therefore hereby constituted	Que posto isto se constitui aqui a Sociedade Correspondente do Clube Pickwick	X	X	
To which local scenery or associations may give rise	Que possam advir da paisagem e sociedade locais		X	

ANEXO 5

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 5

FRAGMENTO 5

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Cordially	Penhoradamente	X		
Sees no objection	Não levanta objeções	X		
Whatever	De qualquer espécie	X		
Great minds	Ilustres espíritos	X		
It hereby signifies its perfect acquiescence therein	Pela presente lhe consagra a sua absoluta anuência	X	X	

ANEXO 6

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 6

FRAGMENTO 6

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
We are indebted for	Devemos	X		
Gigantic brain	Cérebro titânico	X	X	
The sight was indeed an interesting one	O espetáculo revestia-se porém de grande interesse	X		
As calm and unmoved	E ali estava tão sereno e imperturbado	X		
Or as a solitary specimen	Ou tal espécime solitário	X		

ANEXO 7

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 7

FRAGMENTO 7

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Starting into full life and animation	Desperta a sua vivacidade e de elevado ânimo	X		
As a simultaneous call for 'Pickwick' burst from his followers	Ao irromper dos seus discípulos o chamamento <<Pickwick>>	X	X	
Windsor chair	Cadeira da Presidência	X		
What a study	Que formidável estudo	X		
Exciting	Empolgante	X		
Had they clothed an ordinary man	Se cobrissem um homem vulgar	X	X	
Without observation	Despercebidas	X		
When Pickwick clothed them	Quando de Pickwick se cobriam	X		

ANEXO 8

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 8

FRAGMENTO 8

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Too susceptible	Altamente susceptível			x
Maturer years	Idade madura	x		
Of a boy	Da mocidade	X		
Feeding	Gula	X		
And gradually had the capacious chin encroached upon the borders of the white cravat	E o queixo ostensivo afundara-se gradualmente no nó da gravata branca	X	X	
Had known no change	Permanecesse inalterada	X		
Communicating	Emprestando	X		
Closely-fitted	Elegantes	X		X

ANEXO 9

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 9

FRAGMENTO 9

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Is entered	Foram averbados	X		
Bear a strong affinity	Apresentam grande afinidade	X		
Celebrated bodies	Ilustres assembleias	X		
As it is always interesting to trace a resemblance between the proceedings of great men, we transfer the entry to these pages	Havendo sempre grande interesse em estabelecer paralelos entre as maneiras de proceder dos grandes homens, reproduzimos aqui esse assento			X
Uppermost in the breast	Inflamava o peito	X		
Possibly	Quiçá	X		X

ANEXO 10

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 10

FRAGMENTO 10

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Fire of self-importance broke out in his bosom, the desire to benefit the human race in preference effectually quenched it	Que, sempre que a chama da vanglória lhe brotava do peito para queimar o seu desejo de laborar em favor da raça humana, extinguiu-a com eficácia	X	X	
Swing	Força Motriz	X		
Acknowledged it freely	Admitia de bom grado	X		
And let his enemies make the most of it	Arriscando-se a que por isso os seus inimigos o atacassem	X		
He had felt some pride	Que o sentira		X	X
Celebrated	Reconhecida	X		
It is	É, pois	X		X
He had just heard	Se levantava	X		

ANEXO 11

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 11

FRAGMENTO 11

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
The pride with which he should reflect	O orgulho que depositaria	X		
Would be as nothing compared	Em nada poderia equiparar-se	X		
On this, the proudest moment of his existence	Neste momento da sua existência que maior motivo de orgulho lhe dava	X	X	
He could not but feel	Não podia coibir-se de sentir	X		
Travelling	As viagens			X
The minds of coachmen were unsettled	Os cocheiros tinham os espíritos inquietos	X	X	
Let them look	Que todos olhassem			X
So loudly	Com tanta força	X		X
Enthusiastic	Veementes	X		

ANEXO 12

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 12

FRAGMENTO 12

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Perhaps undeservedly	Conquanto imerecidamente	X		X
Now took	Empregava agora	X	X	
Rose to order	Tomou a palavra	X		
Leave off	Não faça caso	X		X

ANEXO 13

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 13

FRAGMENTO 13

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
to be put down by clamour	que a algazarra afogasse o assunto	X		
Mr. BLOTTON would only say then	Nesse caso, o Sr. Blotton apenas tinha a dizer	X	X	
That he repelled (...), with profound contempt	Que enjeitava, com profundo desprezo		X	
Whether this disgraceful contest between two members of that club should be allowed to continue	Se era de permitir o prolongamento daquela vergonhosa altercação entre dois sócios do Clube	X	X	

ANEXO 14

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 14

FRAGMENTO 14

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Felt	Considerou	X		
Of the honourable gentlemen, whether	Se o respeitável cavalheiro		X	
Merely	Apenas	X		

ANEXO 15

RECURSOS PROMOTORES DE AUTENTICIDADE

TABELA 15

FRAGMENTO 15

ORIGINAL	TRADUÇÃO	CATEGORIA		
		Semântica	Sintática	Lexical
Felt much gratified	Declarou-se assaz satisfeito	X		
That his own observations had been merely intended to bear a Pickwickian construction	Que também os seus reparos tinham sido proferidos num âmbito pickwickiano	X	X	
Highly satisfactory	Plenamente satisfatório	X		
Will find recorded	Verá relatados	X		
Connected form	Narrativa sequencial	X		